



# Universidade de Brasília

Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação

Ana Rita Lima da Cunha

**O Jornalismo literário a partir do conceito de presente de  
Martin Heidegger**

Brasília  
2011



# Universidade de Brasília

Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação

Ana Rita Lima da Cunha

## **O Jornalismo literário a partir do conceito de presente de Martin Heidegger**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Comunicação como exigência final para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Gustavo Castro e Silva

Brasília  
2011



# **O Jornalismo literário a partir do conceito de presente de Martin Heidegger**

Ana Rita Lima da Cunha

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva  
Orientador

---

Profª. Mestre Gabriela Pereira de Freitas

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador Gustavo de Castro, pela paciência, pelo diálogo, pelo espaço de silêncio e metáforas e pelas palavras que fizeram desabrochar meu interesse por Heidegger.

Agradeço à minha mãe pela fortaleza e pelo carinho, ao meu pai pela inspiração e pelo zelo, ao Rodrigo por colocar um ponto de interrogação ao final todas as minhas certezas e à Luana por ser a razão, risco também, mas sobretudo razão.

Agradeço também aos amigos e amigas, companheiros de inquietações, de reticências e de pausas, de divagações e de concretudes.

“É preciso perfazer o difícil caminho da busca da palavra,  
necessária e insubstituível, que, como a água, flua”

Manoel de Barros

“Pelas revoluções espirituais que a invenção da científica exige, o homem torna-se uma espécie mutante, ou melhor dizendo, uma espécie que tem necessidade de mudar, que sofre se não mudar.”

Gaston Bachelard

“The concept of time is that of an experience of something passing endlessly, measurable by clocks, and passive. I reject this concept as of no structural relevance whatever.”

John Latham

## RESUMO

Esta monografia parte da pergunta: o que é o Jornalismo Literário? A indagação reflete sobre a questão da vivência do presente a partir do Jornalismo Literário. Para entender esse conceito de um outro lugar, propomos um olhar ontológico baseado no conceito de Martin Heidegger de presença (dasein) para discutir não como funciona o presente, mas o que é esse presente. Este trabalho não pretende importar os conceitos de Heidegger para serem incorporados a teorias sobre o jornalismo. A ideia é repensar do óbvio, é investigar o que foi entendido pelo consenso. Heidegger propõe quebrar com o dualismo entre Ser e mundo. Nesse sentido, a investigação jornalística que se apegue somente a objetividade apenas apreende os entes. O Ser da presença constitui o Ser-no-mundo. A objetividade do jornalismo é a pre-sença cotidiana que foge da inquietação da transcendência da pre-sença. Essa fuga coisifica o homem como Ser que é coisa entre as coisas. O Jornalismo Literário vai em sentido contrário e ao encontrar a angústia se aproxima mais do sentido do Ser.

**Palavras-Chave:** Jornalismo literário, presente, Heidegger, Jornalismo, tempo, ontologia

## ABSTRACT

This work starts with a question: what is the concept of present in the new journalism? This remark was made to do we think about the how we live the present in the new journalism. Our propose is understand this concept from a different place, we shall use an ontological glance based in Martin Heidegger concepts: dasein. We are not going to discover how present works, but what it is. This job will not use Heidegger's concept to create a journalism theory. We shall rethink the obvious, the ideas that were accept what was decided by consensus. Heidegger presents two kinds of reality aspect: final (be to the death) and begin (be-possible). The journalism objectivity try to scape of quotidian, but become man, thinks. The new journalism goes in the other way and finding the inquietude he get closer from the sense of being.

**Keywords:** New journalism, present, Heidegger, journalism, time, ontology



## RESUMÉ

Ce travail départ d'une question: qu'est ce-que le présent chez les journalisme littéraire? Ce questionnement est une réflexion sur comme il en est vécu le présent du journalisme littéraire. Pour y comprendre le concept hors le contexte habituel, on propose un regard ontologique soutenu par le concept dasein chez Martin Heidegger. Le but n'est pas la réflexion sur le fonctionnement du présent, mais on veut savoir qu'est que c'est le présent. Pourtant ce travail ne voulait pas importer des concepts heideggerians à la théorie sur le journalisme. L'idée est surtout de repenser les questions qui ont été comprises par le consensus. Heidegger nous montre deux côtés de la réalité: la final (être pour la mort) et l'inaugural (être-possible). L'objectivité du journalisme c'est le dasein quotidien que veut échapper des angoisses. Cette fuite transforme l'homme en chose qui est entre les choses. Cependant le journalisme littéraire marche dans l'autre sens et désormais il trouve des angoisses, il s'approche du sens d'être.

**Palavras-Chave:** Journalisme Littéraire, présent, Heidegger, journalisme, temps, ontologie

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. O PRESENTE NAS TEORIAS SOBRE O JORNALISMO.....	17
1.1 O IMEDIATISMO.....	17
1.2 O TEMPO REAL.....	20
1.3 A ROTINA.....	21
1.4 O COTIDIANO.....	24
CAPÍTULO 2. O PRESENTE NAS PESQUISAS SOBRE O JORNALISMO LITERÁRIO.....	26
2.1 ABORDAGEM HISTÓRICA.....	27
2.2 ABORDAGEM CONCEITUAL.....	29
2.2.1 A questão do gênero.....	29
.....	32
2.2.2 Jornalismo literário como gênero.....	32
2.2.3 Uma compreensão além do gênero.....	36
CAPÍTULO 3. PRE-SENÇA NO JORNALISMO LITERÁRIO.....	40
3.1 INTRODUÇÃO A HEIDEGGER.....	41
3.1.1 Biografia.....	41
3.2 A QUESTÃO DO SER.....	47
3.3 CONCEITOS ONTOLÓGICOS.....	52
3.3.1 Existência e existencial.....	52
3.3.2 Tempo e temporalidade.....	54
CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
Anexo A.....	60
Anexo B.....	65

## INTRODUÇÃO

Escrever uma monografia é exasperar inquietações. É doloroso, árduo e irritante, porém este exercício carrega dentro de si a semente de algo precioso. Ao nos colocarmos em face das nossas angústias acadêmicas e irmos além da “metodologia” do consolo, estamos pulando em um abismo e apenas em alguns momentos pensaremos que temos asas. Martin Heidegger nos propõe o desafio: “estamos na encruzilhada metodológica que decide sobre a vida ou morte da filosofia, um abismo: saltamos para nada, isto é, a objetividade absoluta, ou saltamos para um outro mundo, melhor dito: aí é que saltamos para o mundo” (HEIDEGGER, 1956 *apud* SAFRANSKI, 2000: 137).

Apesar do título não denunciar, o cerne da discussão desta monografia é justamente este, asas e abismo. Não creio que meu trabalho seja a chave para abrir a porta de revolução alguma. Muito menos pretensioso do que isto, esta monografia ao propor a discussão em torno do Jornalismo Literário, se apresenta enquanto caminho e reflexão epistemológicos usados pela autora para se posicionar diante de suas perguntas. O conceito ou a metáfora? A dialética ou o dualismo? Como apreender o mundo? Como torná-lo cognoscível?

As dúvidas que iniciaram esta reflexão nasceram do começo da graduação e ganharam corpo ao longo do percurso acadêmico. Pensar sobre o jornalismo levou às indagações sobre o tempo. Jornalismo e tempo são duas variáveis de uma mesma equação? O jornalismo existe em função do tempo? A vivência do tempo pode ser modificada pelo jornalismo?

Indagar-se sobre o tempo é muito comum na experiência cotidiana. Por que às vezes o tempo nos parece passar mais rápido ou mais devagar? Na faculdade, as expressões das conversas na sala de aula reafirmam essa curiosidade. Constantemente, escuta-se: “o tempo dos jornalistas é o das rotativas”, “em tempos de meios de comunicação de massa...”, “o tempo é inimigo do jornalista”, “a produção em tempo real”. Essas colocações levam a perguntas sobre a relação dos meios de comunicação em massa e a percepção e a vivência do tempo.

Paralelamente, na Faculdade de Comunicação, somos apresentados ao mundo do Jornalismo Literário, descrito como um espaço para fugir do imediatismo, longe da pressão da

atualidade. A minha primeira postura diante da descoberta de textos de João do Rio, Truman Capote, José Louzeiro foi um misto de encanto e ceticismo. Experiências de fazer jornalismo além do tradicional lead encantam, porém, diante da fluidez teórica da Comunicação, questiona-se o que realmente vem a ser o Jornalismo Literário. Não seria ele apenas um conceito criado pelo ego dos jornalistas?

Esta monografia começa com o cruzamento dos questionamentos sobre o tempo e sobre o Jornalismo Literário. Estruturar o caminho para responder a essas perguntas é bastante difícil. Primeiro porque temos de nos desvencilhar do que Gaston Bachelard (1884 – 1962) define como primeiro obstáculo epistemológico, a *experiência comum*. Segundo Bachelard, “essa observação primeira se apresenta repleta de imagens; é pitoresca, concreta, natural, fácil” e “o espírito científico deve formar-se contra a Natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural” (BACHELARD, 1938/1996: 29).

O primeiro desafio é a compreensão, justamente, de que essa primeira curiosidade não é científica e, portanto, é preciso romper com o conhecimento sensível (BACHELARD, 1938/1996: 294). O primeiro foi, então, uma leitura de bibliografia sobre tempo e Jornalismo Literário. Após emergir no assunto, percebemos que o tempo é um tema bastante amplo e, portanto, optamos em recortar o estudo para a noção de presente. Paralelamente a isso, as leituras de obras de Jornalismo Literário e sobre o Jornalismo Literário fizeram avançar na compreensão desse conceito. Com isso, a pergunta superou a discussão da existência do Jornalismo Literário e passou para a compreensão das diferenças do Jornalismo Literário e o tradicional, considerando o modelo de jornalismo desenvolvido a partir do começo do século XX.

Selecionado um recorte no campo das ideias de estudo, o passo seguinte para a definição do objeto deste trabalho foi uma recusa do *instinto conservativo* (momento em que prefere-se confirmar o próprio saber a contradizê-lo (BACHELARD, 1938/1996: 19)). Ao invés de pensar o Jornalismo Literário e o presente a partir do tradicional olhar sociológico das teorias sobre o jornalismo<sup>1</sup>, decidimos abordar a discussão a partir de Martin Heidegger (1889 – 1976).

A descoberta de Heidegger ocorreu nas aulas da disciplina Estética da Comunicação. O autor voltou a aparecer durante as discussões do projeto da monografia. No início do século XX, o filósofo criticava as correntes científicas modernas por se preocuparem em saber como funcionam

---

1 Optamos falar em 'teorias sobre o jornalismo' e não 'teorias do jornalismo' para explicitar que consideramos aqui o jornalismo um objeto de estudo de várias ciências e em nenhum momento uma disciplina autônoma.

as coisas antes de se perguntarem o que as coisas são. A partir dessa preocupação ontológica de Heidegger nasce a pergunta desta monografia: o que é o presente no Jornalismo Literário?

Este trabalho busca responder a esse questionamento por meio de um olhar metafísico sobre o jornalismo. Não estamos inaugurando uma nova teoria, afinal como advertia Charles Peirce (1839 – 1914), “doutrina que se pretende inteiramente nova dificilmente escapa de ser falsa” (PEIRCE, 2000: 7). A proposta deste trabalho é uma modificação do lugar de observação, é uma experimentação do método ontológico de Heidegger na Comunicação.

Tendo em vista que “o espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza” (BACHELARD, 1938/1996: 20), a entrada pela metafísica visa o rigor e a clareza de Heidegger na busca pelo sentido do Ser, para compreender o conceito de presente no Jornalismo Literário.

A escolha de usar Heidegger como referencial teórico proporciona um conforto e uma angústia. Por ele ser considerado um dos principais nomes da Filosofia do século XX, envolvemo-nos de uma segurança para bebermos de sua fonte conceitual. Por outro lado, temos a angústia de nos prendermos a essa zona confortável e não conseguimos propor nada além de uso estilístico e estéticos das belas palavras de Heidegger.

Bachelard propõe que o espírito científico passaria por três estados: o estado do concreto, o estado do concreto-abstrato e o estado do abstrato. O primeiro é marcado pela exaltação da Natureza e pela contradição entre a contemplação da unidade do mundo e da sua diversidade. O segundo estado refere-se ao começo dos primeiros esboços de abstração que estão ainda presos a intuições sensíveis. Por fim, o terceiro estado representa o desligamento da experiência imediata e a polêmica com a realidade primeira (BACHELARD, 1938/1996: 11). Segundo Bachelard, “passa-se assim de olhos deslumbrados a olhos fechados” (BACHELARD, 1938/1996: 107).

Para percorrer esse caminho optamos por dividir essa monografia em três capítulos: o primeiro de conceitos gerais sobre presente no jornalismo, o segunda quanto as discussões de presente no Jornalismo Literário e o terceira quanto ao conceito de presente em Heidegger e as relações deste com o Jornalismo Literário. Os dois primeiros capítulos são uma forma de consciência da “unidade do mundo” para posteriormente, no terceiro, avançarmos na discussão ontológica de Heidegger. O percurso epistemológico desta monografia será justamente o da metáfora de Bachelard, começaremos com olhos deslumbrados para conhecer o mundo sensível e

ao nos aproximarmos de Heidegger fecharemos os olhos, submergindo ao princípio do conceito, à ontologia do Ser.

Para iniciar as discussões neste trabalho, começamos elencando conceitos relacionados ao de presente no jornalismo. A intenção é delinear em linhas gerais as formas de compreensão do presente no jornalismo, principalmente literário. Para tanto, nos basearemos em teóricos, teóricos que escrevem sobre teorias sobre o jornalismo, e não em teóricos que escrevem teorias sobre o jornalismo. Essa seleção se deve por considerarmos que os teóricos permitem uma visão do cenário conceitual sobre o jornalismo. Os teóricos, ao selecionarem as teorias a partir da relevância destas no cenário acadêmico, constroem, portanto, uma amostra representativa e generalizável.

Essa antologia conceitual, no entanto, não pretende ser um estudo minucioso das pesquisas sobre jornalismo, nem pretende fazer uma revisão bibliográfica. Elencar os conceitos relacionados a presente nas teorias sobre o jornalismo tem a função metodológica de evitar uma promiscuidade teórica. Não pretendemos misturar a ontologia heideggeriana com a Sociologia ou a Ciência Política muito presente nas *Communication Research*. Usaremos três autores de base em nossa antologia conceitual. Dois deles escrevem sobre teorias do jornalismo: Nelson Traquina e Michael Kunczik. Já o autor Mauro Wolf, prefere denominar essas teorias de teorias da Comunicação. A escolha dos autores passou por dois critérios: diversidade de teorias apresentadas e citação nas obras sobre Jornalismo Literário.

No segundo capítulo desta monografia discutiremos os conceitos de presente nas pesquisas sobre o Jornalismo Literário. Para melhor compreensão da abordagem do presente no Jornalismo Literário, voltamos as reflexões usadas para definir o que é o Jornalismo Literário. Primeiramente, mergulhamos numa discussão terminológica que aporta muito para o entendimento do conceito. A primeira pergunta é, falaremos de Jornalismo Literário ou literatura jornalística?

Há várias semelhanças entre o jornalismo e a literatura: “ambos lidam com a palavra, com o mundo, com a subjetividade e a objetividade” (CASTRO, 2010: 8). A tenuidade da fronteira entre um e outro gera mais incômodos que alívios. Do lado do jornalismo, muitos profissionais criticam a mistura entre jornalismo e literatura por pensarem que a inserção de elementos ficção, a linguagem literária deturpa a objetividade deste campo e por consequência a sua credibilidade. Do lado dos estudiosos de literatura e dos escritores, há uma desvalorização do Jornalismo Literário. Ele é visto como uma incapacidade do escritor de usar as técnicas literárias, de abstrair e de

universalizar a experiência com o mundo. Entre os jornalistas, o Jornalismo Literário ganha o rótulo de nariz-de-cera, jargão dos profissionais da imprensa para embromação ou tautologia. Entre os literatos, ele recebe a alcunha de gênero menor.

Para fugir de julgamentos “corporativistas”, no segundo capítulo desta monografia, dividimos a análise do Jornalismo literário em três abordagens. Inicialmente, analisaremos o Jornalismo Literário a partir de um recorte histórico, traçando uma cronologia para definir quando, em geral, se determina o surgimento do Jornalismo Literário e seus desdobramentos frente ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Encontramos divergências quanto ao momento dessa gênese, mas não se trata de nenhuma discordância histórica. As diferenças são conceituais, sobre o que é considerado Jornalismo Literário.

Em um segundo momento, avançaremos para uma discussão sobre a questão de gêneros, pois esta é uma das classificações mais recorrentes do Jornalismo Literário. Para tanto falaremos, resumidamente sobre os gêneros literários, seguindo por um processo que Rildo Cosson define como alargamento das fronteiras do gênero e por fim discutiremos a revisão da literatura sobre gênero no jornalismo proposta por Adair Bonini. Além desses autores, veremos as divisões de gênero dentro do Jornalismo Literário propostas por Edivaldo Pereira Lima. Para finalizar essa problematização da questão do gênero, discutiremos a classificação de jornalismo como gênero literário proposta por Alceu Amoroso Lima.

Discutir a questão de gênero pode parecer dispensável a esse trabalho, mas, no entanto, é a partir da crítica à essa forma de categorização que definimos o que consideramos Jornalismo Literário. Após apresentarmos as definições de Jornalismo Literário, mostramos uma forma de entendê-lo sem a rigidez aristotélica de limites de gênero do jornalismo.

A última parte do capítulo dois é justamente a definição conceitual de Jornalismo Literário que usaremos como ponto de partida para conversar com os conceitos de Heidegger. Partirmos de uma noção que foge da ideia de gênero e se aproxima da de campo de saberes em que não a abertura é ampliação para o encontro com o mundo e não o da fluidez diante do mundo.

O terceiro capítulo constitui o núcleo da argumentação deste trabalho. Neste capítulo iniciaremos com uma introdução a Heidegger. Essa tarefa se apresentou bastante difícil, pois como afirma Emmanuel Leão, no prefácio ao livro *Introdução à metafísica* “não há possibilidade de introdução (...) um abismo separa o espaço ordinário da existência em que se move tanto o modo

de ser habitual, familiar e imediato da vida cotidiana, como o modo de ser objetivo, técnico e exato da vida científica” (LEÃO 1965 *apud* HEIDEGGER, 1978: 9).

Esse desafio, no entanto, é o que motiva esse trabalho. A dificuldade em entender Heidegger reside não na sua distância, mas no seu excesso de proximidade. O filósofo não estabelece uma compreensão a partir das macroestruturas sociais das quais facilmente nos fazemos sentir alheios, no espaço da ordem do dia. Heidegger mergulha na questão do sentido do Ser, um termo tão utilizado cotidianamente, mas cujas indagações a seu respeito são parcas.

A introdução a Heidegger é proposta a partir da apresentação sucinta da biografia do autor, para localizá-lo no tempo e na história. Em um segundo momento, nos debruçamos sobre a questão do Ser e sua importância na obra de Heidegger e na definição da ontologia heideggeriana, que será usada nesta monografia. Entre os conceitos-chaves apresentados nessa parte, temos o de pre-sença, tipicamente apresentado como no original, em alemão, *dasein* ou traduzido para Ser-aí. Optamos por usar a tradução de Márcia Schuback, por concordarmos que usando o termo pre-sença evitamos o aprisionamento no pensamento dicotômico dos binômios essência-existência ou exterior-interior<sup>2</sup>.

O capítulo se estende na discussão de três conceitos de Heidegger que desdobrados iniciam a discussão sobre as relações entre presente e pre-sença. Para tanto entraremos na discussão do acontecimento como a relação do Ser-diante-de-si, pre-sença e Ser-no-mundo. Em seguida partiremos para a diferenciação heideggeriana entre tempo e temporalidade, em que o primeiro é marcado por conceitos de significância, databilidade e publicidade, enquanto o segundo passa pela noção de Ser-no-mundo e de projeção do Ser.

Para finalizar, apresentamos a questão da transcendência do Ser. É nas angústias contidas no sentido do Ser que aparece a questão fundamental de diferenciação entre a busca do jornalismo tradicional e do Jornalismo Literário. Essa diferenciação é feita ainda que de forma inconsciente pelos jornalistas, no momento em que eles permitem a experimentação textual que é um primeiro passo rumo a uma quebra com o paradigma da objetividade e uma entrada rumo ao sentido do Ser, que é o tempo.

---

2 Trechos da nota explicativa de Marcia Sá Schuback: « *Dasein* é comumente traduzido por existência. Traduz-se em geral nas línguas neo-latinas pela expressão ser-aí (...) optamos pela tradução de pre-sença pelos seguintes motivos: 1) para que não se fique aprisionado às implicações do binômio metafísico essência-existência; 2) para superar o imobilismo de uma localização estática que ser-aí poderia sugerir. O pre remete ao movimento de aproximação, constitutivo da dinâmica do ser, através das localizações. »



## CAPÍTULO 1. O PRESENTE NAS TEORIAS SOBRE O JORNALISMO

Podemos definir, de maneira geral, que o jornalista é um comunicador atuante em um meio de comunicação de massa que reúne, detecta, avalia e difunde notícias (KUNCZIK, 1997/2002: 16). O que são notícias? O que elas comunicam? Para que servem? As teorias e hipóteses sobre o jornalismo tentam justamente entender o lugar do jornalismo no mundo. Esse entendimento passa pela relação entre jornalismo e realidade. Ora temos o jornalismo como construtor da realidade, ora como reflexo, ora como representação.

A partir dos textos de Nelson Traquina, Mauro Wolf e Michael Kunczik observamos que o jornalismo foi principalmente estudado pela Sociologia, além de ser trabalhado também pela Psicologia, pela Ciência Política e pela Comunicação. Conceitos dessas ciências tais como campo social, estrutura, funcionalidade e rito são constantemente usados para a compreensão do jornalismo. Além disso, existem algumas abordagens predominantes: as influências na definição do que é notícia, a objetividade jornalística, os efeitos do jornalismo na sociedade/democracia e os efeitos do jornalismo no público/audiência.

O tempo não é a questão central da maioria das pesquisas sobre jornalismo. Ainda que, como no resalta Traquina, este tema seja visto como elemento central no jornalismo: “ser obcecado pelo tempo é ser jornalista de uma forma que os membros desta comunidade interpretativa consideram ser especialmente sua, quase como um ato de fé num deus chamado Kronos” (TRAQUINA, 2005b: 38). A questão do presente é mais abordada, na maioria das vezes, relacionada a outros conceitos. Em geral, a noção de presente aparece por meio de conceitos como imediatismo, rotina, cotidiano e tempo real como explicitaremos mais adiante.

### 1.1 O IMEDIATISMO

Um dos primeiros conceitos relacionado a noção de presente no jornalismo é o imediatismo. Ele aparece em um primeiro momento a partir da metáfora do espelho, o jornalismo como um reflexo da realidade. Sendo assim, compreende-se que o jornalismo reflete imediatamente o que está diante dele (GOMIS, 1991: 17)<sup>3</sup>. Partindo dessa comparação, as

---

3 A edição do livro *Teoría del periodismo*, de Lorenzo Gomis, usado neste trabalho está na versão original, em

primeiras teorias sobre o jornalismo, a partir da década de 50, do século XX, focaram-se na compreensão de como os jornalistas selecionavam esse reflexo.

A teoria do *gatekeeper* apresentada por David Manning White (1950) pressupõe que o jornalista funciona como um “porteiro” que controla o fluxo de informação. Esse controle é feito por meio de uma seleção do que entra ou não nos jornais. Para White, esse processo de seleção é subjetivo e arbitrário sendo baseado “no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*” (TRAQUINA, 2005a : 150). Temos então que a realidade do mundo é apresentada a partir da realidade do indivíduo, o presente do jornalismo é o presente do jornalista. O imediato surge como um conceito psicológico que emana do jornalista de forma mais consciente que inconsciente.

Para Traquina, as conclusões de White são limitadas, pois é “uma teoria que se situa ao nível da pessoa jornalista, individualizando uma função que tem uma função burocrática inserida numa organização (...) minimizando outras dimensões importantes do processo de produção das notícias” (TRAQUINA, 2005a: 151). “As decisões do *gatekeeper* são tomadas, menos a partir de uma avaliação individual da noticiabilidade do que em relação a um conjunto de valores que incluem critérios quer profissionais quer organizativos, tais como eficiência, a produção de notícias, a rapidez” (ROBISON *apud* WOLF, 1987/2002: 181).

Pesquisas sobre os *gatekeepers* alargam o problema da seleção para a questão do controle do processo informativo (WOLF, 1987/2002: 182). Isso contribui para um enfoque funcionalista, “presume-se, sim, que todos os processos comunicativos têm em si uma função de controle, manifesta ou latente” (OLIEN *apud* WOLF, 1987/2002: 182). Esse alargamento presente nos estudos de Breed (1955) e Gieber (1956), também significa a transição entre a questão da distorção consciente e a distorção inconsciente (Wolf, 1987/2002: 183). “As notícias só podem ser compreendidas se houver uma compreensão das 'forças sociais' que influenciam a sua produção” (Gieber *apud* Traquina, 2005: 152).

A premissa da existência de uma distorção inconsciente altera o enfoque das pesquisas sobre o jornalismo. Não é mais o jornalista enquanto indivíduo que cria a realidade apresentada pelos jornais, ela é tecida na rotina das redações, “as distorções inconscientes que, dia após dia, realçam uma determinada representação da realidade social, marginalizando alguns dos seus aspectos em favor de outros, são um elemento que entram em jogo na dinâmica da difusão da

realidade” (WOLF, 1987/2002: 184).

Nesse sentido, o imediatismo aparece de duas formas. Na primeira, “o imediatismo é definido como um conceito temporal que se refere ao espaço de tempo que decorre entre o acontecimento e o momento em que a notícia é transmitida, dando existência a esse acontecimento” (TRAQUINA, 2005b: 37). Ele aparece como consequência da rotina jornalística, “o imediatismo age como medida de combate à deterioração do valor da informação” (TRAQUINA, 2005b: 37), ou seja, ele aparece a partir da necessidade de retratar fielmente o real.

As pesquisas sobre o *newsmaking* trabalham a partir dessa perspectiva. Eles analisam a produção dos meios de comunicação a partir de um período de tempo maior, dando ênfase à potencial transformação de acontecimentos em notícias (HOHLFEDT, 2001: 203). Esses estudos são marcados pela técnica de observação participante, um trabalho etnográfico bastante influenciado pelos estudos de fenômenos culturais, dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e do processo produtivo (WOLF, 1987/2002: 187). Para os pesquisadores do *newsmaking* “As exigências organizativas e estruturais e as características técnico-expressivas próprias de cada meio de comunicação de massa são elementos fundamentais para a determinação da reprodução da realidade social fornecida pelos *mass media*” (WOLF, 1987/2002: 185).

Uma segunda percepção do conceito de imediatismo é que ele é uma imposição à rotina jornalística. Nesse caso, parte-se do pressuposto que a “imprensa sempre tira sua forma e colorido das estruturas sociais e políticas nas quais está trabalhando” (SIEBERT et al *apud* KUNCZIK, 2002: 74).

A definição de campo social trazida para o jornalismo por Pierre Bourdieu trabalha a ideia de que o imediatismo decorre da concorrência entre os polos do campo jornalístico. Segundo Bourdieu, os dois polos dominantes do campo jornalístico contemporâneo são o polo intelectual e o polo econômico. O polo econômico advém do fato do jornalismo ser um negócio lucrativo em que as notícias são a mercadoria. O polo intelectual existe porque o jornalismo é visto como um serviço público e as notícias fornecem ferramentas para que os cidadãos exerçam seus direitos democráticos (TRAQUINA, 2005a: 125). “A tensão entre os dois polos é insolúvel (...) Num pano de fundo desta tensão, os diversos “jogadores” tentam mobilizar, para as suas estratégias comunicacionais, os seus acontecimentos, os seus assuntos, ou as suas ideias e valores.”(TRAQUINA, 2005a: 28). O imediatismo aparece, então, como um valor importante

nessa lógica concorrencial, “quem ganha é quem dá a notícia primeiro” (TRAQUINA, 2005b: 38).

Segundo Traquina, pode-se também entender o jornalismo como “uma 'comunidade interpretativa' em que novos 'agentes especializados' encontram uma legitimidade social num processo circular entre os jornalistas e a sociedade na aura da teoria democrática”. O jornalismo seria então fruto de uma sociedade democrática e portanto é moldado pelas normas dessa sociedade. “A mediação em uma sociedade é o principal papel do jornalista, e a tarefa dos jornalistas é facilitar a comunicação entre todos os grupos que participam na formação da vontade política” (KUNCZIK, 2002: 100). Sendo assim, o imediatismo é um aperfeiçoamento do jornalismo para exercer sua função dentro da democracia de liberdade positiva (instrumentos para os cidadãos exercerem suas responsabilidades cívicas) e negativa (vigiar o poder público). (TRAQUINA, 2005a: 48).

## 1.2 O TEMPO REAL

O tempo real é ligado a ideia de imediato, porém vamos apresentá-lo de forma separada porque como afirma Traquina, a transmissão direta do acontecimento é o cúmulo do imediatismo (TRAQUINA, 2005a: 53). Apesar do conceito de tempo real aparecer ligado aos avanços tecnológicos do final do século XX (especialmente TV e internet), ele aparece já no século XIX, com o advento do telégrafo. Para Smith, o telégrafo amplia a capacidade de onipresença do jornalista, ele pode estar em mais lugares por meio do recebimento de informação de correspondentes. Inaugura-se o que Smith denomina de presente instantâneo “que consolida tudo o que a *penny press* tinha posto em movimento: permitiu que os jornais funcionassem em tempo real” (TRAQUINA, 2005a: 53)

Seguindo essa compreensão do jornalismo pela evolução tecnológica, temos também o conceito de tempo real nas ideias de McLuhan, segundo Wolf. “A organização simbólica do homem, o seu sistema de percepção espacial e temporal sofre o impacto das várias tecnologias comunicativas”, logo, “todas as tecnologias comunicativas – no sentido lato – são, de fato, analisáveis como extensões do sistema físico e nervoso do homem” (WOLF, 1987/2002: 106). Para McLuhan, os meios eletrônicos transformaram o mundo “a territorialidade física é transposta pela mundovisão, assim como a distância se torna inexistente pela cobertura televisiva” (WOLF, 1987/2002: 106).

A abordagem tecnologicista do surgimento do tempo real permite uma análise diferente dos efeitos do jornalismo na sociedade, não pelo ângulo do conteúdo da informação, mas a partir da forma de empacotamento da informação. Por outro lado, entender o tempo real a partir da evolução tecnológica de certa forma contribuiu para alimentar o mito da objetividade, da neutralidade jornalística. O tempo real como reflexo da tecnologia parece blindado a subjetividade humana, o reflexo perfeito, a informação pura. Essa visão é semelhante a do aparecimento da fotografia, esquece-se que as máquinas são manuseadas, programadas por seres humanos e portanto fazem passar pelos filtros reflexivos e simbólicos destes.

### 1.3 A ROTINA

O conceito de rotina aparece ligado a ideia de presente, pois ele surge nas pesquisas de jornalismo em contraponto ao senso comum de que os jornalistas, trabalhando com acontecimentos, os jornalistas trabalham pelas leis da imprevisibilidade. O conceito de rotina jornalística aparece a partir da noção de noticiabilidade, ou seja, “a 'aptidão' de um acontecimento para se transformar em notícia” (WOLF, 1987/2002: 189). Como afirma Wolf, quando o discurso sobre a noticiabilidade surge, na década de 70 do século XX, ele é pouco aceito pelos profissionais da informação:

A gama de argumentos que se contrapõem a ele é vasta: vai da ideia de que a notícia é tão impossível de prever como o acontecimento e, por isso, não pode ser encerrada em esquemas analíticos, dado que é fruto de capacidades exclusivamente subjetivas (o 'faro' para notícias; 'nasce-se jornalista', etc), até à observação que um analista não é capaz de compreender a lógica da produção de notícias, e por conseguinte captar os seus elementos significativos. (WOLF, 1987/2002: 191)

Para iniciar-se essa discussão é necessário o que Traquina descreve como a quebra do paradigma da metáfora do espelho. As pesquisas do *newsmaking* entendem as notícias como construção. Admite-se assim um rompimento com a “objetividade pura” dos jornalistas. Temos aqui um rompimento entre o dualismo jornalismo e realidade e passa-se a perceber que as notícias constroem a própria realidade, não apenas a refletem. Além disso, as pesquisas do *newsmaking* entendem que “a própria linguagem não pode funcionar como transmissão direta do significado inerente dos acontecimentos” e que “os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua

representação dos acontecimentos”(TRAQUINA, 2005a: 169).

As pesquisas de *newsmaking* foram uma das primeiras a refletir sobre a ideia de rotina. A partir dos estudos etnográficos começou-se a sistematizar o *newsmaking*, o processo de produção da notícia. Segundo Schlesinger, “as rotinas de produção englobam e são constitutivas da ideologia” (SCHLESINGER *apud* TRAQUINA, 2005a: 172). Para Tuchman, “sem uma certa rotina de que podem servir-se para fazer frente aos fatos imprevistos, as organizações jornalísticas, como empresas racionais falhariam” (TUCHMAN *apud* WOLF, 1987/2002: 190).

Como consequência da pesquisa do *newsmaking*, Traquina afirma que ela se desdobrou gerando duas teorias: a teoria estruturalista e a teoria interacionista<sup>4</sup>. A teoria estruturalista, segundo Traquina, é uma teoria macrossociológica, analisando as organizações burocráticas dos *media*. A notícia é um produto social resultante de vários fatores, entre eles, “a estrutura dos valores-notícias que constituem o 'elemento fundamental da socialização' e a prática e a ideologia profissional dos jornalistas ”(TRAQUINA, 2005a: 176).

A rotina dos jornalistas que constrói a notícia é orientada em três sentidos. O primeiro sentido é a organização da força de trabalho e da estrutura do próprio jornal. Os jornais estariam pré-direcionados para certos tipos de acontecimento visando alcançar a produção regular de notícias. O segundo sentido é “a estrutura dos valores-notícias fornecem critérios nas práticas de rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, diretores e agentes noticiosos decidir rotineiramente e regularmente sobre quais as 'estórias' que são 'noticiáveis' ” (idem).

O terceiro sentido é o momento da construção da notícia. “Os 'mapas de significado' incorporam e refletem valores comuns, formam a base dos conhecimentos culturais e são mobilizados no processo de tornar um acontecimento inteligível” (TRAQUINA, 2005a: 177). Segundo Hall et. al., a construção da notícia ao mesmo tempo que marca temporalmente um fato define um sentido interpretativo deste, “os *media* definem para a maioria da população quais os acontecimentos significativos que ocorrem mas, também, oferecem poderosas interpretações de como compreender esses acontecimentos” (HALL et. al. *Apus* TRAQUINA, 2005a: 177).

A teoria interacionista busca entender como as empresas jornalísticas se organizam diante dos desafios da produção da notícia em um tempo limitado pela meta da periodicidade. Segundo Tuchman, as empresas jornalísticas, para lidarem com a imprevisibilidade impõem ordem no

---

4 Em Wolf (WOLF, 1987/2002), as teorias estruturalista e interacionista não são consideradas teorias, mas abordagens dentro das pesquisas de *newsmaking*.

espaço e no tempo. Para Tuchman, a ordem no espaço é o método de “capturar” os acontecimentos de forma a ter um período consistente e objetivo, capaz de ser discutido (GOMIS, 1991: 14). Para tanto, cria-se a rede noticiosa. Os “fios” desta rede são: a definição de territorialidade geográfica (significação territorial, Brasília = decisões políticas, São Paulo = indústrias, negócios, Bahia = turismo), a especialização organizacional (definição de outras empresas jornalísticas a serem observadas quanto aos valores-notícias) e a especialização em temas (organização do espaço do jornal em editorias, temas) (TRAQUINA, 2005a: 181-183).

A organização do tempo parte da ideia que toda empresa jornalística tem um ritmo próprio, delimitado pelo horário de expediente dos funcionários. Para evitar um lapso temporal na cobertura, as empresas jornalísticas tem um planejamento, uma agenda com eventos previstos, além de ser mais criteriosa na definição de noticiabilidade de fatos fora do horário de trabalho. Como consequência, segundo Tuchman “uma ênfase em acontecimentos e não em problemáticas” e “os acontecimentos estão concretamente enterrados na teia da faticidade, ou seja, o tradicional quem, o quê, quando, onde e por quê do *lead* tradicional” (TRAQUINA, 2005a: 184). Para Tuchman, outra consequência é que “a fixação da rede noticiosa no tempo e no espaço impede algumas ocorrências de serem noticiadas. Tendo escapado à grelha usada para prever o fluxo de trabalho, não conseguem virar notícia” (TRAQUINA, 2005a: 189).

Como um refinamento, da teoria de Tuchman, Molotch e Lester dividem a organização do trabalho jornalístico em três grupos: os *news promoters* (identificam e tornam observável uma ocorrência como especial), os *news assemblers*, (transformam ocorrências em acontecimentos públicos) e os *news consumers* (assistem as ocorrências pelos meio de comunicação de massa) (TRAQUINA, 2005a: 185). Esses autores diferenciam ocorrência de acontecimento, o primeiro é o fato no mundo, o segundo é “ocorrências que são criativamente utilizadas na demarcação do tempo” (MOLOTCH e LESTER *apud* TRAQUINA, 2005a: 185). A passagem de ocorrência para acontecimento deve-se as necessidades de acontecimentos por parte de diferentes grupos sociais. Como consequência desta necessidade, temos a intencionalidade, o interesse de que uma ocorrência venha ou não a público, que pode ser como apresenta Boorstin uma gerado de pseudo-acontecimentos.

Wolf fala em rotina produtiva dividida em três fases: a coleta<sup>5</sup>, a seleção e a distribuição, sendo que “cada uma delas dá lugar a rotinas articuladas e a processos de trabalho” (WOLF,

---

5 Na tradução de Maria Jorge Figueiredo, usa-se o termo 'recolha', do português de Portugal, para melhor compreensão, substituímos-o por 'coleta'.

1987/2002: 218), sendo que “a relevância de um acontecimento é individualizada e avaliada a partir das experiências organizativas do órgão de informação” (WOLF, 1987/2002: 249). O processo de coleta é resultado de uma interação entre fonte, jornalista e público, eles “coexistem dentro de um sistema que se assemelha mais ao jogo da corda do que a um organismo funcional inter-relacionado. No entanto, os jogos da corda são decididos pela força: e as notícias são entre outras coisas, o exercício do poder sobre a interpretação da realidade” (GANS *apud* WOLF, 1987/2002: 223).

O processo de seleção é a triagem e a organização do material coletado, convertendo acontecimento em notícia. Segundo Gans, a relevância da notícia não é o único critério de seleção, “a necessidade de ser eficiente e a escolha de procedimentos que permitam a eficiência domina as fases de seleção e de produção”, “os critérios de relevância não existem apenas porque tornam possível a eficiência; tornam-se relevantes porque são também eficientes” (GANS *apud* WOLF, 1987/2002: 241).

## 1.4 O COTIDIANO

O cotidiano é segundo o Dicionário Aurélio, “o que se faz ou sucede todos os dias”. Ele aparece, assim como o conceito de rotina, sendo um contraponto à ideia que o presente no jornalismo é exclusivamente ligada ao imediato. Nas pesquisas sobre o jornalismo, o cotidiano é o cenário da narrativa jornalística, também sob o termo de dia-a-dia, ou é o cenário construído pelo conjunto de narrativas jornalísticas. Além disso, cotidiano é apresentado como sinônimo de normalidade.

Dentro da noção de valor-notícia está a ideia de relevância, para tanto o cotidiano é usado como base de comparação desta relevância. Segundo Gans, o cotidiano por si mesmo não é requisito de noticiabilidade, mas o são: “histórias de gente comum que é encontrada em situações insólitas, ou o contrário, histórias de homens públicos em situações do dia-a-dia; histórias em que se verifica uma inversão de papéis ('o homem que morde o cão'); histórias de interesse humano; histórias de feitos excepcionais e heroicos” (WOLF, 1987/2002: 205).

Para o ex-jornalista Jack Lule, o herói, o vilão ou a vítima inocente fazem parte do cotidiano da narrativa jornalística. Segundo Lule, a presença desses arquétipos no jornalismo são ecos de narrativas mais antigas, existentes antes do jornalismo (TRAQUINA, 2005a: 28). Pensar o



jornalista como contador de “estória”, é um movimento para, segundo Tuchman, entender as notícias como construção e não como ficção (TRAQUINA, 2005a: 169).

“A conceitualização das notícias como 'estórias' dá relevo à importância de compreender a dimensão cultural da notícia” (TRAQUINA, 2005a: 170), ou seja, “as notícias como uma forma cultural incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração” (SCHUDSON *apud* TRAQUINA, 2005a: 171). Como foi dito anteriormente, a ideia de notícia como construção presume uma análise não dicotômica da relação jornalismo e realidade, sendo assim, podemos concluir também que a relação narrativa jornalística e cotidiano também não têm uma relação unidirecional de influência.

## CAPÍTULO 2. O PRESENTE NAS PESQUISAS SOBRE O JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário é um conceito que surge no século XX, para tentar enquadrar a relação entre jornalismo e literatura,

para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística. (PENA, 2006)

Os discursos ideológicos sobre o jornalismo surgem junto com as primeiras discussões teóricas sobre comunicação (Escola de Frankfurt, Teoria Hipodérmica), sendo assim constrói-se uma visão no senso comum que tem um grande pessimismo quanto à comunicação em massa (BRETON, 1994: 74)<sup>6</sup>. O Jornalismo Literário é um termo que surge junto com uma revisão dessa concepção, pois compreender o hibridismo entre jornalismo e literatura, passa também por reinterpretar a comunicação em massa. Cremilda Medina considera que:

primeiro, a comunicação anônima [comunicação de massa] tem, indiscutivelmente, uma função subjacente ao fenômeno comunicacional global; depois, serve à manutenção dos sistemas sociais pós-industrialização, na fragmentação, no imbricamento de símbolos comuns; em terceiro lugar, tem um papel na evolução do processo porque difunde informações e generaliza uma situação que, na sociedade tradicional, fica isolada ao âmbito das elites; por último, sua função revolucionária está associada à perturbação que desencadeia no patrimônio dos valores particulares. (MEDINA *apud* LIMA, 1993: 22)

Sendo assim, a reflexão sobre o Jornalismo Literário vem surge nos textos teóricos conjuntamente com um repensar do fazer jornalismo. De um lado, essa reflexão é forçada por uma crise econômica e estrutural no modelo de negócios do jornalismo, além das mudanças tecnológicas de suporte. Por outro lado, há um esclarecimento dos efeitos do jornalismo e seu lugar no mundo.

---

<sup>6</sup> O texto original deste artigo está em francês. Todas as referências usadas deste texto foram livremente traduzidas pela autora desta monografia.

## 2.1 ABORDAGEM HISTÓRICA

A discussão a partir de um recorte histórico apresenta diferenças entre os autores. Para Gustavo de Castro, o Jornalismo Literário aparece no Antigo Egito, em escritos feitos pelos cinzeladores (escribas menores) “com esse misto de informação e literatura, transmitido ao povo através de inscrições em papiros ou nas pedras, com esses relatos de notícias efêmeras comunicadas pelo viés de novelas, chamadas de Königsnovelle (novelas reais), (...) podemos dizer que nasce o Jornalismo Literário” (CASTRO, 2005: 13). Na Roma Antiga, segundo Casto, surge o primeiro jornalista literário conhecido da história, o poeta Marco Valério Marziale (40 d. C - 104 d. C.). Ele reuniu informações diárias com literariedade, uma “exposição de dados ocasionais rejeitando as separações e recuperando as dimensões líricas do texto” (BETA *apud* CASTRO, 2010: 14).

“Na Idade Média, o Jornalismo Literário confunde-se com a 'invenção' da própria imprensa e a chegada de diversos jornais literários” (CASTRO, 2010: 16). Nesse período, a crônica aparece como texto que alcança uma maior capacidade de difundir informações. Em 1665, nasce o *Journal de Savant*, o primeiro jornal literário de que se tem registros. O século XVIII é marcado por um amadurecimento das publicações literárias que “servem de palco para a associação entre textos de cunho jornalístico e textos de cunho literário” (CASTRO, 2010: 17).

Para Castro, no século XIX, escritores como Honoré Balzac (1799-1850), Charles Dickens (1812-1870), Mark Twain (1835-1910) e Fioror Dostoiévski (1821-1881) dão substancial desenvolvimento ao Jornalismo Literário ao escreverem em jornais. Os textos marcados pela crítica social, muitos inseridos no movimento literário do Realismo Crítico, aproximam a literatura do jornalismo, de caráter bastante opinativo nessa época. Com isso há um forte intercâmbio de técnicas de escrita e elementos de linguagem entre o jornalismo e a literatura. Segundo Castro, posteriormente no jornalismo do século XX, “um jornalismo como pauta” (CASTRO, 2010: 20), o *New Journalism* norte-americano é responsável pela ampla difusão do estilo do Jornalismo Literário na imprensa a partir de então.

Para Felipe Pena, as origens da relação entre jornalismo e literatura e posterior. O autor se apoia no quadro evolutivo do jornalismo apresentada por Ciro Marcondes Filho. Segundo essa divisão, temos:

- A pré-história do jornalismo (1631 a 1789): “caracterizada por uma economia elementar,

produção artesanal e forma semelhante ao livro” (FILHO *apud* PENA, 2006: 5)

- O primeiro jornalismo (1789 a 1830): “caracterizado pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária e comandado por escritores, políticos e intelectuais” (idem)
- O segundo jornalismo (1830 a 1900): “chamado de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa” (ibidem)
- O terceiro jornalismo (1900 a 1960): “chamado de imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado” (ibidem)
- O quarto jornalismo (de 1960 em diante): “marcado pela informação eletrônica e interativa, como ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita” (ibidem).

A partir desse quadro evolutivo, Pena define a influência da literatura na imprensa acontece nos séculos XVIII e XIX, nos períodos do primeiro e do segundo jornalismo. Nessa época, escritores prestigiados assumem cargos importantes nas redações e também participam da determinação da linguagem e conteúdo dos jornais “um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura” (PENA, 2006: 6). Para Pena, Balzac, Victor Hugo, Stendhal e outros escritores podem ser considerados como os precursores do Jornalismo Literário, enquanto “um gênero que se caracteriza pela publicação de literatura nas páginas de jornais” (idem). Pena, no entanto vê o Jornalismo Literário como um gênero mais amplo que engloba sub-gêneros que se consolidam no século XX, como o *New Journalism*.

Para Edivaldo Pereira Lima, o Jornalismo Literário aparece junto com a reportagem, a partir de uma quebra de paradigma no jornalismo no final do século XIX. “Já existe o telégrafo, as agências noticiosas estão a pleno vapor, o volume de informações com que o leitor norte-americano é brindado pelos jornais é considerável, mas mesmo assim é surpreendido com a eclosão da Primeira Guerra Mundial” (LIMA, E., 1993: 24). A imprensa excessivamente presa ao relato das ocorrências percebe-se incapaz de alcançar a complexidade do mundo e apresentar ao

leitor o sentido dos acontecimentos. Em resposta a essa deficiência, surgem as revistas semanais e mensais, sendo a revista *Time*<sup>7</sup>, a pioneira desse novo produto editorial (idem). As revistas têm uma produção jornalística “voltada para o relato dos bastidores, para a busca de conexões entre os acontecimentos, de modo a oferecer uma compreensão aprofundada da realidade contemporânea” (LIMA, E., 1993: 25), espaço ideal para o desenvolvimento do Jornalismo Literário. Ele ressalta que esse gênero nasce de uma proximidade antiga entre jornalismo e literatura que só vai vir à tona nos textos jornalísticos a partir da evolução da notícia para a reportagem “surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem (...) os jornalistas sentiam-se então inclinados a se inspirar na arte literária para encontrar os seus próprios caminhos de narrar o real” (LIMA, E., 1993: 135).

## 2.2 ABORDAGEM CONCEITUAL

A conceituação de Jornalismo Literário passa pela discussão de gênero no jornalismo. Esclarecemos antes de mais nada que o gênero não é aqui entendido como classificação sociológica de diferenciação entre feminino e masculino. Usamos o conceito de gênero como categoria de classificação textual.

Alguns autores entendem que o Jornalismo Literário é um gênero do jornalismo, outros entendem como gênero os textos produzidos dentro do estilo do Jornalismo Literário, mas existem também autores que saem da questão de gênero para categorias mais ampla. Vejamos a seguir:

### 2.2.1 A questão do gênero

Rildo Cosson divide a teoria literária de gêneros em três momentos sucessivos, embora, como afirma o autor, eles não são necessariamente evolutivos:

- Tripartição de gêneros em lírico, épico e dramático: momento que tem raízes na Grécia Antiga, nos textos na *Poética* de Aristóteles e que se constitui formalmente no começo do século XVI. “É uma composição estática, na qual os gêneros são fixos e imutáveis, cada um

7 A *Time*, criada em 1923 pelos jornalistas estadunidenses Briton Hadden e Henry Lucen, foi uma revista semanal de informação com o objetivo de informar notícias do país e do mundo. O modelo da *Time* foi copiado em várias partes do mundo (SCALZO, 2003 *apud* PORTELA, Cristiane. *Revistas semanais de informações gerais no Brasil*. 2009. Disponível em: [http://www2.metodista.br/unesco/1\\_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOM%2014%20-%20Revistas%20semanais%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o%20geral%20no%20Brasil%20-%20Cristiane%20Portela.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOM%2014%20-%20Revistas%20semanais%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o%20geral%20no%20Brasil%20-%20Cristiane%20Portela.pdf) )

possuindo um conjunto de regras precisas e hierarquizadas, às quais os escritores devem obedecer a fim de que possam ser inseridos na tradição literária” (COSSON, 2001: 26);

- A tripartição clássica é relativizada: os teóricos desse segundo momento se espalham ao longo do tempo, indo de Victor Hugo (1802-1885) a teóricos contemporâneos como Gérard Genette (1930 - ). Os gêneros clássicos “ganharam, além de sua característica de mediação entre a produção individual e o todo literário, uma dimensão que supera a literatura ao serem identificados com a essência do desenvolvimento físico e mental do ser humano” (idem: 27).

- Os gêneros do discurso: Os formalistas russos, no início do século XX, foram responsáveis pela revisão do conceito de gênero. A partir deles, outros teóricos se aventuraram redimensionar a questão dos gêneros e recolocar os limites do discurso literário. Entre os autores do terceiro momento destacam-se B. Tomachevsky, Mikhail Bakhtin e Tzvetan Todorov. Entre os formalistas russos, Tomachevsky foi o que mais se deteve na questão de gênero. Segundo ele, gêneros são compostos por um conjunto de traços, sendo que “estes traços são polivalentes, entrecruzam-se e não permitem uma classificação lógica dos gêneros segundo um critério único” (TOMACHEVSKY, 1978 *apud* COSSON, 2001: 28). Bakhtin define que gêneros são aplicáveis a “qualquer tipo de enunciado relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico” e portanto se encaixam melhor na denominação de “gêneros de discurso” (BAKHTIN, 1992 *apud* COSSON, 2001: 29). Todorov apresenta gênero como uma categoria dinâmica, a “codificação historicamente atestada das propriedades discursivas” sendo propriedade discursiva “cada traço característica de um discurso em qualquer dos seus níveis, seja ele semântico, sintático, pragmático ou verbal” (TODOROV, 1981 *apud* COSSON, 2001: 30).

Segundo Cosson, o terceiro momento da teoria de gêneros foi a abertura teórica para que o jornalismo pudesse encontrar um sistema categórico para sua produção textual. Para Adair Bonini, no entanto, a noção de gênero não é muito clara nas pesquisas sobre o jornalismo. “Tanto são entendidos como gêneros os textos relacionados a uma prática discursiva quanto os traços que representam categorias mais amplas e de caráter tipológico, determinados pelo filtro teórico do estudioso e não pela realização empírica” (BONINI, 2006: 209).

A crítica de Bonini é interessante para demarcar a fluidez presente na definição de gênero no jornalismo. Para embasar essa afirmação, o autor faz um levantamento dos principais

documentos que discorrem sobre a questão de gênero no jornalismo: os manuais de estilo, os dicionários de comunicação, os manuais de ensino e os textos teóricos da área.

Destacamos aqui a diferenciação que Bonini faz entre manuais de estilo e de ensino, “que normatizam as práticas discursivas do jornal e que são utilizados como base para o ensino do jornalismo” e os textos teóricos, “que discutem as práticas jornalísticas em uma perspectiva científica” (BONINI, 2006: 211). Em relação aos manuais, Bonini afirma que eles explicam a prática jornalística a partir da noção de notícia como gênero, porém não tratam a notícia enquanto gênero. A questão do gênero aparece, não denominada como tal, mais nítida em categorias como “as categorias do jornalismo (opinativo, informativo, interpretativo, diversional, investigativo, etc.), o trabalho nas editorias (de política, de economia, de esportes, etc.)” (idem).

Quanto aos textos teóricos que embasam a discussão científica sobre gênero, vemos um paradoxo com relação à observação de Cosson. Como apresentamos anteriormente, a importação do modelo categórico de gênero ocorre a partir de uma relativização e dinamização do entendimento do conceito de gênero. Bonini afirma que, no entanto, a base metodológica dos estudos dos gêneros tradicionalmente realizados no campo da comunicação “trata-se da concepção aristotélica de estudar o mundo categorizando-o diretamente, pressupondo que se trata de um processo de descoberta e mapeamento dos traços essenciais e acidentais da realidade” (BONINI, 2006: 215).

Com isso, a definição de gênero jornalístico volta à rigidez da trilogia clássica, sendo entendido “como uma categoria abstrata e geral diz muito pouco sobre a ocorrência efetiva da linguagem em um meio social; não considera o aspecto constitutivo da linguagem na constituição do sujeito” (BONINI, 2001: 216). Dessa forma se constroem tipologias baseada nos traços da linguagem, desconsiderando que “o sujeito social e linguisticamente ancorado escreve/fala ou lê/ouve uma carta ou uma notícia, mas não uma descrição ou uma narração, que são características internas da linguagem e sobre as quais tem pouca consciência” (idem). Além disso, essas tipologias são falaciosas ao trabalharem implicitamente com “a concepção de linguagem como um fenômeno natural que pode ser isolado e estudado com neutralidade (neste caso, inclusive independentemente do sujeito que a utiliza)” (ibidem).

## 2.2.2 Jornalismo literário como gênero

O Jornalismo Literário como gênero dentro do jornalismo é uma das classificações mais presentes entre os estudiosos do tema. Pereira Lima adota a definição de Jornalismo Literário como narrativa jornalística que emprega recursos literários (LIMA, E., 1993: 142). No livro *Páginas Ampliadas*, Pereira Lima discute mais especificamente o livro-reportagem, mas disserta também sobre a definição de Jornalismo Literário. O autor usa a Teoria Geral dos Sistemas como base metodológica. Essa teoria tal como foi formulada por Ludwig von Bertalanffy pressupõe três condições para a construção de um conceito, contextualização (detectar as realidades circundantes de um fenômeno e suas características intrínsecas), mapeamento (compreensão do fenômeno no tempo para definir antecedentes e inferir desdobramentos) e identificação (função que o sistema desempenha ou desempenhará) (LIMA, E., 1993: 18-19).

Ele apresenta o jornalismo como sistema e o livro-reportagem como subsistema híbrido. Para ele, a confusão conceitual existente na definição deste gênero “é característica de todos os sistemas. Porque o ser humano – por extensão, suas criações – parece pouco propenso ao mergulho inteiramente revolucionário no novo” (LIMA, E., 1993: 136). A partir da Teoria Geral dos Sistemas, Pereira Lima entende que “quando um sistema novo surge, seu funcionamento é sensivelmente marcado pela conectividade quase que totalmente dependente que estabelece com um ou mais sistemas com os quais interage amiúde” (LIMA, E., 1993: 137).

A discussão de sistemas em Pereira Lima avança para a discussão de gênero. Ele classifica que o Jornalismo Literário é um gênero do jornalismo, uma modalidade narrativa, uma modalidade de prática de reportagem cujos traços básicos são “imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização”(LIMA, E., 2009: 147). No livro *Páginas Ampliadas* ainda dentro da discussão de gênero, Pereira Lima faz uma classificação do livro-reportagem (segundo ele, flexível devida a capacidade inventiva dessa modalidade), definido como subgênero do jornalismo, que pode ser estendida para a compreensão do Jornalismo Literário como gênero ((LIMA, E., 2009: 45- 50):

- Livro-reportagem-perfil: “trata-se de uma obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (LIMA, E., 2009: 45);



- Livro-reportagem-depoimento: reconstituição de um acontecimento relevante segundo a visão de alguma testemunha ou participante do fato;
- Livro-reportagem-retrato: semelhante ao livro-perfil, porém focaliza-se uma região geográfica, um segmento da sociedade, um objeto mais amplo que a figura humana. Uso frequente da metalinguagem;
- Livro-reportagem-ciência: disserta sobre um tema científico específico;
- Livro-reportagem-ambiente: relato de fatos ligados a interesses ambientalistas, a causas ecológicas;
- Livro-reportagem-história: relato de fatos históricos relevantes macro ou microscopicamente;
- Livro-reportagem nova consciência:focaliza-se em temas de novas correntes de pensamento;
- Livro-reportagem-instantâneo:ao contrário do livro-histórico, este se focaliza em um fato-recém-concluído;
- Livro-reportagem-atualidade: semelhante ao livro-instantâneo, porém aborda fatos de menor efemeridade cujos desdobramentos são desconhecidos;
- Livro-reportagem-antologia: agrupamento de reportagens de Jornalismo Literário;
- Livro-reportagem-denúncia: com propósito mais investigativo, “apelo para o clamor contra as injustiças” (LIMA, E., 1993: 49), e
- Livro-reportagem- viagem: o fio condutor é uma viagem por uma região geográfica.

Se por um lado a compreensão do Jornalismo Literário a partir da Teoria Geral dos Sistemas permite Pereira Lima, enquadrar as características literárias do jornalismo como uma derivação deste, Alceu Amoroso Lima propõe um outro caminho. Para este autor, a compreensão de gênero literário a partir de uma concepção que o autor chama de racional permite na verdade enquadrar o próprio jornalismo como gênero literário.

Amoroso Lima usa entre suas referências teóricas Martin Heidegger, especialmente o conceito de *pre-sença*, porém mais como um sinônimo de acontecimento. A abordagem da filosofia

em Amoroso Lima é usada para embasar a tese de transcendentalidade do texto jornalístico, que informa para forma, no uso da palavra que lhe garante lugar entre os gêneros jornalísticos. Apresentaremos neste tópico apenas os argumentos de Amoroso Lima para tal conclusão. Mais à frente, explicaremos o conceito de *pre-sença* em Heidegger.

Amoroso Lima cita a classificação de gêneros literários de Van Thiegen – clássica, integral, negativa e racional. “Para os clássicos, o gênero é um tipo de construção estética determinada por um conjunto de normas objetivas, a que toda composição deve exercer ” (LIMA, A. 1960: 11), nessa categoria enquadram-se, por exemplo, autores como Aristóteles e Horácio.

Por integral, entende-se uma concepção de gênero baseada na filosofia evolucionista de Spencer e entende que há uma “luta de gêneros” (LIMA, A. 1960: 12). Os textos são apenas organelas perpassando organismos maiores, os gêneros que se disputam entre si (LIMA, A. 1960: 13). Nessa linha integrista, enquadra-se o teórico literário Ferdinand Brunetière. “Os gêneros para Brunetière derivavam da própria natureza da arte e por isso deviam ser tomados como entidades irremovíveis e superiores aos artistas e às obras” (LIMA, A., 1960:15).

A classificação de gênero negativa refere-se a uma corrente de crítica literária que aparece contrapondo às ideias de Brunetière. O teórico Benedetto Croce com sua concepção nominalista, critica a teoria dos gêneros que, para ele, confundia arte e ciência. Segundo Croce, “a forma lógica ou científica, em quanto tal, exclui a forma estética” (CROCE, 1907 *apud* LIMA, A., 1960: 14), “Da doutrina dos gêneros artísticos e literários derivam aquelas considerações errôneas de juízo e crítica, graças às quais, frente a uma obra de arte em vez de determinar se é expressiva (...), pergunta-se: está conforme às leis do poema épico ou às da tragédia?” (*idem*).

O racionalismo, segundo Amoroso Lima, parte do princípio de que o gênero tem um caráter metodológico determinado por características exteriores, independente das disposições interiores (LIMA, A., 1960: 15). Dentro dessa concepção, teríamos que às classificações de gênero não cabe normatizar, nem valorar os textos. Para Ditcher, um dos autores classificados como racionalista,

“em última análise, cada língua possui uma gramática, embora sua liberdade de expressão e sua evolução desconheçam leis rígidas. (...) Não apenas teóricos, mas os próprios criadores, procuraram, na introspecção de suas criações e seus conceitos, alcançar as suas possibilidades de impacto segundo princípios ordenadores dentro de sua própria arte”. (PETERSEN, 1939 *apud* LIMA, A., 1960: 15)

Os teóricos literários denominados racionalista estariam em oposição também a uma concepção de gênero como uma construção externa ao indivíduo. Os racionalistas Welleck e Warren, por exemplo, chegam a afirmar que o gênero é uma instituição<sup>8</sup>. Para Amoroso Lima os racionalistas defendem que a percepção da participação do indivíduo, do escritor é central para perceber o gênero enquanto método, como “formas individuais de expressão ou formas grupais de classificação” (LIMA, A., 1960: 16), “o gênero representa, por assim dizer, uma soma de esquemas estéticos à mão, à disposição do escritor e já inteligíveis ao leitor” (idem).

É a partir dessa conceituação mais aberta de gênero que Amoroso Lima define o jornalismo como gênero literário. Para ele, literatura em termos gerais é “a arte da palavra”, “mas com a palavra com valor de fim e não apenas com valor de meio” (LIMA, A., 1960: 19). Sendo assim, o jornalismo é literatura enquanto “empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão” (LIMA, A., 1960: 23).

Por arte, o autor entende como o domínio do “pode ser”<sup>9</sup> e “como tal, é do domínio da liberdade” (LIMA, A., 1960: 28). Amoroso Lima define que a função do jornalista é mais que informa, ela é também de formar. Nessa perspectiva do autor, o jornalismo tem uma “uma arte social por excelência”(LIMA, A., 1960: 48). A beleza do jornalismo estaria, portanto, “em ultrapassar a beleza estética para alcançar a beleza intrínseca, ligada à função e à finalidade para-estética” (idem). Nesse sentido, o autor atribui ao jornalismo um engajamento mais intenso: “ele é um dos grandes redutos da liberdade humana, e portanto do valor mais ameaçado em nosso século e em cuja defesa ela tem uma missão de mais alta responsabilidade a desempenhar, que transcende do ensejo de realizar apenas uma vocação individual de jornalistas” (LIMA, A., 1960: 63).

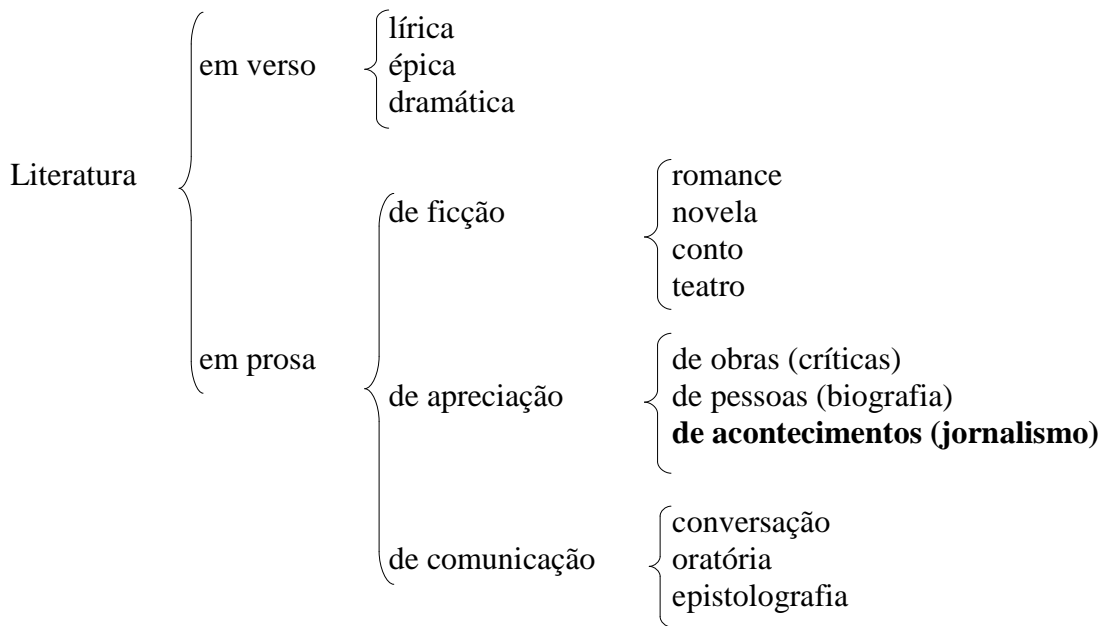
Amoroso Lima cria uma classificação de gêneros<sup>10</sup> em que o jornalismo está dentro da produção em prosa, ele é um sub-gênero da prosa de apreciação:

---

8 Welleck e Warren usam a definição de conceito institucional presente no artigo *Zeitschrift für Romanische Philologie*, de Irene Behrens, publicado em 1940. Segundo a autora, « Podemos trabalhar por meio de instituições existentes, exprimirmo-nos por elas, criar novas ou nelas penetrar, tão longe quanto possível, sem participar de seus métodos ou rituais; podemos, também aderir, mas também reestruturar as instituições » (BEHRENS, 1940 *apud* LIMA, A., 1960: 16). Amoroso Lima pondera que há um certo exagero nesse conceito, mas que a ideia central de Welleck Warren não é dar um caráter imperativo ao gênero.

9 A arte « distingue-se da ciência e da moral por partir do possível, ao passo que a ciência pisa no terreno **do que é** e a moral no do que **deve ser** » (LIMA, A., 1960: 28) (grifos do autor)

10 A classificação apresentada por Amoroso Lima não pretende englobar todos os subgêneros da literatura, somente os principais. Além do que, as divisões propostas pelo autor devem recuperar o conceito racional de gêneros em que a combinação entre eles é possível.



Por apreciação, o autor entende um gênero da prosa em que predomina o “juízo de formar”, sendo que “a apreciação e valorização (evaluation), a meditação sobre a obra, as pessoas ou os acontecimentos já existentes, são tão legitimamente obras de arte, como a gestação de um ser-verbal ainda não-existente, como ocorre nos gêneros, que chamamos de ficção”, (LIMA, A., 1960: 37). O jornalismo enquanto literatura de acontecimentos, segundo Amoroso Lima, tem justamente este como “o dado imediato da consciência jornalística e o especificador de sua autonomia, como atividade literária” (LIMA, A., 1960: 45) e suas marcas específicas são a informação, a atualidade, a objetividade e o estilo.

### 2.2.3 Uma compreensão além do gênero

A categorização de gênero no jornalismo é um importante instrumento metodológico, porém ela não abrange a complexidade do que entendemos por Jornalismo Literário. E aqui começa o primeiro exercício heideggeriano, o gênero pensa o ente e nós pretendemos pensar o ser. Até aqui, apresentamos essa visão do Jornalismo Literário a partir do olhar sobre o ente, um olhar funcionalista que, em quase todos os casos, estabelece uma dualidade muito precisa entre realidade e texto jornalístico. Quando propomos pensar o ser, segundo Heidegger, conceito que explicaremos mais a frente, conjuntamente nos lançamos em um exercício de desfazer a visão cartesiana do mundo e empreender um mergulho em uma realidade bastante complexa e menos reificada e absoluta como tratada pelos teóricos citados até então.

Um exercício parecido é realizado por Gustavo de Castro. Este autor propõe que o Jornalismo Literário não é um gênero, mas uma conjunção de conhecimentos, saberes, técnicas e estilos. Para tanto, Castro denomina o Jornalismo Literário como *literatura de complexidade*: “sistêmica e complexa porque lida simultaneamente na escritura com o real e o irreal, o falso e o verdadeiro, o ficcional e o não ficcional em seus caracteres relacionais, dialógicos e produtores de conhecimento” (CASTRO, 2010: 6).

Nesse sentido, Castro critica os limites do conceito de Edvaldo Pereira Lima de *literatura da realidade*. Essa denominação não abrangeria as diversas dimensões da realidade que envolvem não só o Jornalismo Literário, como o jornalismo como um todo. Castro defende que “a comunicação é dialogal e complexa porque ela é um 'sistema de sistemas', um modo próprio de avançar na complexidade sem renunciar à unidade, um sentido ou, antes, vários sentidos que se cruzam” (CASTRO, 2010: 25).

O Jornalismo Literário estaria para Castro, portanto, dentro da definição de Daniel Innerarity de função social da arte: “a integração entre a multiplicidade dos saberes, a busca ética e a cosmovisão estética da vida” (idem). Invocar um conceito referente ao mundo da arte é uma forma proposital do autor de estabelecer justamente a relação dicotômica no Jornalismo Literário entre realidade e arte em que “a literatura 'empurra' o jornalismo para arte enquanto que o jornalismo traz a literatura para a vida real” (CASTRO, 2010: 27). Dentro dessa ideia, Castro propõe uma transfiguração no Jornalismo Literário do chamado valor-notícia. Segundo a pesquisadora Sarah Vasconcelos, podemos em uma obra que mistura fatos reais com narrativa de ficção invocar os seguintes valores:

<b>Valor-notícia</b>	<b>Valor-narração</b>
Atualidade	Temporalidade flexível
Objetividade	Subjetividade/Apelo emocional
Importante/Relevante	Interessante/Incomum
Factual	Excepcional/Sensacional
Fatos reais	Metáforas

(CASTRO, 2010: 27)

Esse quadro traz uma reflexão interessante sobre conceitos apresentados no primeiro capítulo. Temos o valor-notícia do jornalismo “puxando” para a “realidade”, no sentido de espelha-la imediatamente: o tempo é o da atualidade, o assunto é o factual, o agora. Na coluna do valor-narração, temos um “favorecimento” da “arte”, o jornalista tem a assinatura estilística garantida na narração dos fatos a partir da metáfora e na própria seleção do recorte temporal que é, como vemos na tabela flexível, ou, como define, Castro, extemporâneo.

O conceito de valor-narração é significativo na visão de Castro porque valoriza o saber narrar. Conhecimento que para o autor é a carência das atuais redações a razão das crises nos modelos de prática do jornalismo. A narração vai além da necessidade de apreender o fato, mas envolve também a compreensão e o domínio da linguagem. “A narração representa um ideal estilístico para quem quer que se aventure no relato de histórias e fatos, já que implica no conhecimento adequado da palavra, do sussurro de cada período” (CASTRO, 2010: 41).

A discussão sobre o domínio da linguagem é central para se entender o Jornalismo Literário. Ela revela justamente que o Jornalismo assim como a Literatura é uma construção. É interessante retomar o exemplo citado por Castro. Em uma palestra realidade, o escritor Juan José Millas, apresenta quadro de Magritte como o desenho de um cachimbo e a frase “isso não é um cachimbo”. Apesar do quadro desconcertar quem o vê, ele está afirmando o que se vê: não um cachimbo, mas a representação de um cachimbo. Juan ironiza portanto que todos os jornais deveriam ter após o título a frase “isto não é realidade” (CASTRO, 2010: 44).

Para Castro, o que está em jogo é a diferença entre o saber literário e o saber jornalístico. “O saber literário é precisamente uma resistência frente à trivialização do mundo. O saber jornalístico é a resistência frente à passividade e à desmemorização do homem” (idem). Segundo estas definições, não teríamos dois saberes antagônicos, mas saberes complementares que se comunicam.

Nesta monografia, definiremos Jornalismo Literário dentro da ideia de literatura de complexidade. Entendendo que o Jornalismo Literário não é uma sub-divisão do Jornalismo, mas uma metodologia de apreensão da realidade que dialoga com o saber literário justamente para manter a resistência frente à passividade e a desmemorização. Castro apresenta esta tese baseado na análise do uso das técnicas e saberes pelos jornalistas. A proposta deste trabalho é entender essa

comunicação de saberes a partir do conceito de presente.

Analisaremos no capítulo seguinte como a representação do presente no Jornalismo Literário o define enquanto literatura de complexidade. A partir da pergunta Heideggeriana sobre o Ser, investigaremos a relação entre presente, linguagem e complexidade da realidade.

### CAPÍTULO 3. PRE-SENÇA NO JORNALISMO LITERÁRIO

Em *Introdução à metafísica*, Martin Heidegger afirma que “filosofar é investigar o extraordinário” (HEIDEGGER, 1949/1971: 43). Essa frase isolada nos permite fazer um paralelo com a noção de valor-notícia, em que é justamente o extraordinário que interessa ao jornalismo. O autor, no entanto, faz um salto além, “essa investigação provoca uma repercussão sobre si mesma, não só é extraordinário o que se investiga, como o próprio investigar. Isso quer dizer: a investigação não se acha à beira do caminho, de sorte que um belo dia sem propósito, ou mesmo de propósito pudessemos nela cair” (idem).

Nessa reflexão Heidegger inverte justamente o que o conceito de valor-notícia chamaria de extraordinário. “Por não se achar na ordem do trivial de todos os dias, não somos forçados a empreendê-la em razão de alguma exigência ou determinados preceitos. Nem tão pouco pertence ao âmbito dos cuidados urgentes e da satisfação das necessidades prementes” (ibidem/ com grifo nosso). O extraordinário não se revela no âmbito do imediato para a filosofia, na verdade, o imediato, o atual é o que determina a trivialidade dos entes.

É portanto, essa inversão que nos interessa para tentar entender o Jornalismo Literário. Pensemos na máxima pragmática: “Considere quais efeitos, que concebivelmente poderiam ter consequências práticas, concebemos ter o objeto de nossa concepção. Então, a concepção desses efeitos é o todo de nossa concepção do objeto” (PEIRCE *apud* Ibri, 1992:96)<sup>11</sup>. A leitura de um texto de Jornalismo Literário não causa os mesmos efeitos, as mesmas consequências práticas de um texto jornalístico tradicional, no entanto, não é uma experiência completamente diferente. Como afirmamos no capítulo anterior, o nosso conceito de Jornalismo Literário não é um gênero dentro do jornalismo, mas um campo de saberes. Como tal, ele não transforma o jornalismo em um outro ente, ele o transforma enquanto compreensão de si mesmo.

Assim como o extraordinário de Heidegger é um olhar diferente sobre o trivial, o exercício ontológico deste capítulo é não de inventar conceitos novos para serem agregados ao entendimento do Jornalismo literário ou do jornalismo como um todo. Atentaremos para o salto do Ser no o mundo e Ser com o mundo. Considerando que esse salto ocorre justamente na pre-sença cotidiana que podemos denominar de presente, mas sem restringir a um simples *conjunto de agoras*.

11 CP 5.402, 5.2, 5.438, 8.201 n.3 In: Ibri, I. A. (1992). *Kósmos Noetós*, Prespectiva/SP.



### 3.1 INTRODUÇÃO A HEIDEGGER

Antes de discutir os conceitos de Heidegger conjuntamente com o Jornalismo Literário, mostraremos uma curta biografia do autor, focando no percurso de produção filosófica. Esta biografia é uma incursão, ainda que limitada, na tentativa de entender o lugar de fala de Heidegger. Não abrangeremos toda a complexidade da vida e obra heideggeriana porque, assim como no Jornalismo Literário não existe apreensão plena da realidade, mas existência plena com a realidade. Para complementar o texto, apresentamos, como Anexo A, uma lista das obras principais obras de Heidegger.

Para a biografia, usaremos principalmente o livro *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, de Rügen Sfranski. Logo no primeiro capítulo do livro, o autor afirma que em uma conferência Heidegger descreveu Aristóteles: “Ele nasceu, trabalhou e morreu”. “Assim Heidegger queria que também se falasse dele, pois esse era certamente seu grande sonho: viver para a filosofia e talvez até desaparecer nela” (SAFRANSKI, 2000: 27).

Na segunda parte da introdução apresentaremos o conceito de Ser em Heidegger. Usaremos como base o livro *Ser e Tempo* (*Sein und Zeint*), de 1927. O autor discute a questão do Ser antes dessa obra e posteriormente a ela. O nosso enfoque se deve ao fato de ser nessa obra que Heidegger se lança nessa questão e a desenvolve com consciência plena do método fenomenológico.

#### 3.1.1 Biografia

Na pequena cidade de Messerkirch<sup>12</sup>, ainda ecoavam no final do século XIX as disputas entre o liberalismo do recém fundado Império germânico de Bismarck<sup>13</sup> e a Igreja católica. Em meio das brigas entre os católicos “romanos” (conservadores) e os católicos “antigos” (reformistas), nasce em 26 de setembro de 1889, Martin Heidegger. Filho de um casal de católicos “romanos” Friedrich Heidegger, zelador de objetos sacros e Johanna Heidegger, dona de casa.

A terra natal de Heidegger terá influência relevante na obra do autor. O espírito patriotista e conservador de Messerkirch ao mesmo tempo que inspira críticas sóbrias de Heidegger a respeito de

---

12 O nome da cidade natal de Heidegger também pode ser escrito como Meßkirch. Segundo Safranski, no século XIX, essa cidade tinha cerca de 2 mil habitantes, em sua maioria agricultores e artesãos.

13 Otto von Bismarck foi o primeiro-ministro do reino da Prússia (1862-1890). Nesta época, unificou a Alemanha, depois de uma série de guerras, tornando-se o primeiro chanceler (1871 - 1890) do Império Alemão.

seu tempo, deixa marcas em Heidegger que o levaram a uma das maiores polêmicas quanto a sua vida: a adesão ao partido nazista do Nacional Socialismo.

O catolicismo dos pais, segundo o irmão de Heidegger, Fritz Heidegger, não era fanático, porém incrustado nas suas visões de mundo (SAFRANSKI, 2000: 35). Como consequência, desde a infância, a vida de Heidegger foi bastante ligada à igreja. Por conta do trabalho de seu pai como sacristão, ele e o irmão eram coroinhas e ajudavam nos serviços da paróquia.

A amizade dos pais de Heidegger com membros da igreja, resultada na primeira bolsa de estudos do filósofo, a bolsa Weiss para o seminário em Constança, em 1903. Inicia-se aí uma dependência financeira que duraria treze anos, até 1916 e fora bastante penosa a Heidegger (SAFRANSKI, 2000: 36). “Era forçado a fazer concessões, e isso o envergonhava – ofensa que nunca pode perdoar ao sistema do catolicismo, como dizia” (idem). Posteriormente ele também crítica a ideia de fé: “a exigência e o incômodo são critérios da verdade (...) mais tarde, exatamente a posse da verdade sob tutela da fé passará por ser o caminho confortável, portanto traição da verdade” (SAFRANSKI, 2000: 49).<sup>14</sup>

O conflito com a igreja tem lugar importante na obra de Heidegger. Em um primeiro momento, o mundo católico permanece em contradição com o mundo burguês liberal.

Aqui o severo, penaz mundo vagaroso, e ali o de vida rápida, superficial, entregue aos encantos do momento. Aqui o esforço, ali a mera diversão. Aqui se criam raízes, ali se vive solto; uns têm vida difícil, outros procuram o caminho mais cômodo; uns são pensativos, outros, levianos. Uns permanecem fiéis a si mesmos, outros se perdem nas distrações. (SAFRANSKI, 2000: 39)

Esta oposição se intensifica quando Heidegger sai de sua terra natal. “O mundo em que Heidegger se sente lançado não é o de Messkirch (...) Ele só se sentiu lançado quando foi lançado para fora dessa terra natal que o protegia das solicitações da modernidade” (SAFRANSKI, 2000: 28). Em 1903, Heidegger sai para cursar o Ginásio, em Constance, como bolsista. Nesses anos, inicia a preparação para a carreira sacerdotal. Em seguida, em 1909 entra para o noviciato de jesuítas em Tisis, porém sai em outubro do mesmo ano por conta de problemas cardíacos. Safranski especula “talvez naquela ocasião o coração se rebelasse contra os planos da cabeça”

14 Neste resumo biográfico de Heidegger não nos deteremos sobre seu debate entre religião e filosofia. Apresentamos esse embate de forma simplista porque não está ligado diretamente as discussões propostas nesta monografia. Existe, porém, uma longa bibliografia sobre o assunto. Por exemplo, Ben Vedder com o livro *Filosofia heideggeriana da religião* e Benjamin Crowe que escreveu o livro *As origens religiosas de Heidegger: destruição e autenticidade*.

(SAFRANSKI, 2000: 41).

Em 1909, Heidegger continua os estudos de teologia e filosofia. Nesse período conhece Carl Braig, teólogo anti-modernista que influenciará as primeiras críticas à filosofia socrática. Braig diz que “precisamos nos livrar do absolutismo do sujeito para sermos livres para a realidade do absoluto” (idem). Para Emmanuel Lévinas<sup>15</sup>, a ontologia heideggeriana se estrutura enquanto crítica à filosofia socrática por esta ter se esquecido do Ser e caminhado rumo a noção do sujeito e do poder técnico. “Heidegger encontra no pré-socratismo o pensamento como obediência à verdade do Ser. Obediência que se cumprirá como existir construtor e agricultor, que faz unidade do lugar que implica o espaço”(LÉVINAS, 2002). Sendo assim, “ao convocar a presença sobre a terra e embaixo do céu, a espera dos deuses e a companhia dos mortais, na presença diante das coisas, equivale a construir e cultivar”.

Nessa mesma época, Heidegger começa a ler Franz Brentano, um dos fundadores da fenomenologia. Para Brentano, “os conceitos não são algo puramente interno, mas são sempre conceitos 'de algo'. São a consciência de algo” (SAFRANSKI, 2000: 52). Sobre as leituras deste autor, Heidegger escreve: “A amplidão de todas as coisas que crescem, e que perduram à beira do caminho do campo, nos dá o mundo. No impronunciado de sua linguagem que Deus é Deus” (HEIDEGGER, 1983 *apud* SAFRANSKI, 2000: 53).

Através de Brentano, Heidegger conhece um dos filósofos que mais o influenciou, Edmund Husserl. Inclusive, foi para ele quem Heidegger dedicou sua obra mais famosa, *Ser e tempo*. “A Edmund Husserl em testemunho de admiração e amizade”. Em Husserl, Heidegger encontra um apoio frente a hostilidade à metafísica, fugindo das tendências psicologicistas da época. Ambos se refugiam na esfera da logicidade para “poder apanhar uma ponta de valor supra-individual” (SAFRANSKI, 2000: 67), buscando a realidade objetiva do espírito.

A relação entre Heidegger e Husserl inicialmente era apenas entre as leituras de Heidegger dos textos de Husserl. Após terminar o doutorado com a tese *Doutrina do Juízo no Psicologismo*, em 1913 e após a livre docência<sup>16</sup>, com a dissertação sobre *A Doutrina de Duns Scotus das Categorias e Significados*, em 1915, Heidegger começa a enviar cartas para se aproximar de seu mestre. O encontro entre os dois, porém só ocorre em 1917. Nesse ano, Heidegger é convocado pelo exército alemão para trabalhar no front no serviço de meteorologia (devido aos seus problemas

15 O texto original deste artigo está em espanhol. Todas as referências usadas deste texto foram livremente traduzidas pela autora desta monografia.

16 Tradução livre para o título acadêmico alemão *Dozent*.

de saúde). O fato o aproxima ainda mais de Husserl que acabara de perder um filho na I Guerra Mundial<sup>17</sup>. Posteriormente, Heidegger torna-se assistente de Husserl. A relação entre os dois foi bastante frutífera para a filosofia.

Husserl traz uma abordagem que vai permear os textos heideggerianos. A ideia da fenomenologia é a de que “tudo o que é dado na consciência é 'fenômeno' e a pesquisa da consciência no sentido husserliano observa em rigorosa introspecção a ordem interna dos fenômenos da consciência” (SAFRANSKI, 2000: 107). A partir disto, temos um caminho que foge do dualismo de essência e aparência, “a essência não é algo que se esconde 'atrás' da aparência, mas é ela própria a aparência, na medida em que eu a penso ou na medida em que penso que ela me escapa” (idem).

Nesse ponto, podemos fazer uma inflexão para as discussões sobre Jornalismo Literário. Heidegger entendia que a fenomenologia não era um trabalho de construção do pensamento, mas nas palavras do próprio autor, ela era a “desconstrução dos encobrimentos” (HEIDEGGER, 1978 *apud* SAFRANSKI, 2000: 143). O conceito de objetividade do jornalismo tradicional inclui um processo de assepsia de linguagem e de certa forma do sujeito (o jornalista) para despir as aparências e revelar os fatos. A partir das ideias de Husserl, Heidegger propõe a superação do dualismo entre o mundo que se revela e a consciência, entre sujeito e o objeto. A consciência existe dentro do mundo, nesse ponto Heidegger supera as afirmações de Husserl e se pergunta o que é e quem é o homem, além de um ente que se relaciona com outros entes.

Aos 28 anos, em 1917, Heidegger casa-se com Elfride Petri. Apesar de tanto ela quanto ele terem se filiado ao partido Nacional Socialista no início da II Guerra Mundial<sup>18</sup>, Elfride ficou conhecida por, ao contrário de Heidegger, aderir à teoria racista e anti-semita. Sem tentar fazer concessões morais, Safranski a descreve como uma mulher emancipada e segura de si que “foi um amparo para Heidegger quando ele se afastou da igreja católica, quando a fama desabou sobre ele e nos tempos de proscrição depois da guerra” (SAFRANSKI, 2000: 441).

Para Safranski, de certa forma o anti-semitismo de Elfride foi impulsionado pelos ciúmes de Hannah Arendt, na época uma estudante de dezoito anos judia que se tornou a paixão da vida de Heidegger segundo sua esposa (idem). Em 1923, Heidegger começa a trabalhar em Marburg. No ano seguinte, ele conhece Arendt que havia ido para a cidade justamente para ter aulas com ele. Em

---

17 A I Guerra Mundial começou em 1914 e terminou em 1918.

18 A II Guerra Mundial começou em 1939 e terminou em 1945

1924, eles começam um romance secreto.

Arendt se transforma na musa de Heidegger, inclusive para o livro *Ser e tempo* que ele publica em 1927 (SAFRANSKI, 2000: 181). A relação entre os dois foi muito forte, porém com vários momentos de tensão. A assimetria do relacionamento não se referia apenas a aspectos sentimentais, como o fato de Heidegger ser casado e não almejar em nenhum momento separar-se da esposa, mas também acadêmicos. “Heidegger ama Hannah e a amará ainda por muito tempo; leva-a sério como uma mulher que o compreende (...) mas em nenhum momento compreenderá que pode aprender com ela” (SAFRANSKI, 2000: 178).

Em 1927, Heidegger publica como falamos anteriormente, o livro *Ser e tempo*, em que discute o sentido do Ser e elabora um dos seus mais conhecidos conceitos: pre-sença, *dasein* em alemão. Esta obra é considerada uma das principais textos filosóficos do século XX. Emmanuel Leão na introdução da 15ª edição desse livro afirma que ele “ultrapassa de muito uma obra de filosofia. É um marco na caminhada do pensamento pela história do Ocidente” (LEÃO *apud* HEIDEGGER, 1927/2005: 11). Hans-Georg Gadamer, aluno de Heidegger nos anos de 1920, compara o impacto da obra com a aparição da dialética em Atenas no final do século V a. C.

“Com *Ser e tempo*, se instalou uma nova seriedade na tarefa de pensar. A sutil técnica dos exercícios conceituais acadêmicos nos parecia um mero jogo, e não é exagerado dizer que o efeito desse ar novo era amplamente perceptível na vida universitária alemã. (...) No lugar de uma rotina comum de aulas em que um tem em mente os livros que tem ao lado, se instalou uma nova dignidade da *vox viva* e uma união entre ensino e investigação em que existe espaço para as perguntas filosóficas radicais ” (GADAMER, 2002: 67)

Para Otto Pöggeler, a obra *Ser e tempo* é o marco para a divisão da obra heideggeriana em três períodos: as perguntas pelo sentido do Ser, as perguntas pela história do Ser e as perguntas pela topologia do Ser (Pöggeler, 1990 *apud* MACDOWELL, 1907: 13). A primeira fase refere-se ao período anterior a publicação de *Ser e tempo* que para Pöggeler se resume ao título de um curso ministrado por Heidegger em 1923: Hermenêutica da facticidade. A segunda fase corresponde à “História do Ser, quando a hipótese do esquecimento progressivo do Ser serve de fio condutor” (MACDOWELL, 1907: 15). Nessa fase o autor se aproxima de Friedrich Nietzsche. Na terceira fase a um afastamento em relação a Nietzsche e uma aproximação com o poeta Friedrich Hölderlin. Neste trabalho, usaremos principalmente os conceitos de Heidegger da segunda fase de sua obra. Aqui nesta parte nos deteremos a apresentar o impacto causado pela obra do autor, porém no próximo tópico do capítulo esmiuçaremos as discussões em torno do ser.

Como nos apresenta Pöggeler, Heidegger é influenciado pelas ideias de Nietzsche, escrevendo diversas obras sobre ele. Para Safranski, “Heidegger quer compreender Nietzsche melhor do que ele próprio se compreende. Quer superá-lo no caminho para um novo pensar o Ser”. Quando Nietzsche declara “Deus está morto”, pretende preservar as forças do transcender, mas desviá-las para a imanência (SAFRANSKI, 2000: 337). Heidegger, no entanto, critica essa subjetividade defendida por Nietzsche. “Para ele a subjetividade é sem falta uma subjetividade do corpo, isto é, dos impulsos e afetos, isto é da vontade de poder... A natureza incondicional da subjetividade por isso se desenvolve necessariamente como a brutalidade da bestialidade. No fim da metafísica está a frase: homo est brutum bestiale” (HEIDEGGER, 1946 *apud* SAFRANSKI, 2000: 355).

Entre 1936 e 1946, em meio a II Guerra Mundial, foi quando Heidegger escreveu a maioria dos textos sobre Nietzsche. Anterior a esse período, Heidegger aumenta gradualmente sua participação na causa nazista. Em 1928, ele é nomeado sucessor de Husserl para Freiburg. Em 1931 Heidegger apoia o nacional-socialismo. Em 1933, é eleito reitor da universidade e filia-se ao partido Nazista.

Enquanto reitor, ele demite colegas por serem judeus e isso o afasta de grandes amigos como Hannah Arendt e Karl Jaspers. Este último foi expulso da universidade e proibido de publicar, mas Heidegger não o defendeu de nenhuma forma. Em uma carta à Heidegger, Jaspers comenta a própria angústia “que eu... me cale, você há de compreender e aprovar. Minha alma está muda; pois neste mundo não fico com a filosofia 'desprestigiada', como você escreve de si mesmo, mas terei de... porém me faltam palavras” (JASPERS *apud* SAFRANSKI, 2000: 398).

Para Safranski, Heidegger se engajara na revolução nacional-socialista “por pouco tempo, porque a tomara por uma revolução metafísica” (SAFRANSKI, 2000: 396). Ao perceber que a revolução não resultara no que Heidegger esperava (“e ele nunca conseguiu explicar direito o que ela lhe prometera” (idem)) afastou-se sem remorsos apenas com vergonha, vergonha por ter se equivocado (ibidem). Os textos posteriores sobre Nietzsche chegam a ter críticas a visão nacional-socialista sobre o poder. A ação de Heidegger, entretanto, não passou despercebida. Em 1945, ele comparece ao comitê de desnazificação e perdeu o direito de lecionar, só voltando à universidade em 1951. Além da punição legal, Heidegger é punido socialmente. Em 1947, o filósofo e sociólogo alemão Herbert Marcuse lhe escreve refletindo o sentimento do mundo intelectual em relação a ele:

Você me disse que desde 1934 se distanciou completamente do regime nazista; que, em suas aulas e conferências, fazia observações críticas e, inclusive, você se lamentava de ser “vigiado” pela Gestapo. Não quero duvidar de suas palavras, mas os fatos estão aí: você se identificou com o regime nazista que ainda hoje é considerado ao solhos de muitos como um dos mais firmes apoios espirituais que o nazismo teve. Algumas manifestações, escritos e ações nesse tempo são prova do que digo. Você nunca se retratou disso abertamente tão pouco depois de 1945. Você nunca explicou abertamente que havia chegado a um outro pensamento diferente daquele de 1933-34 que inspirou suas ações. Você jamais denunciou publicamente os feitos nem a ideologia do regime. Por todas essas circunstâncias, ainda hoje continua-se a identificar você com o regime nazista. (MARCUSE, 1947)

Apesar dos ressentimentos quanto a postura de Heidegger e das dificuldades que ele enfrenta para voltar a dar aulas, na França, os existencialistas iniciam uma aproximação com o filósofo. A ideia de existência para esse grupo era ligada à de contingência “como um ser corpóreo, finito, fragmentado e arrancado de qualquer fundamento que o sustentasse” (SAFRANSKI, 2000: 401). Em 1931, os textos de Heidegger começam a ser publicados nas revistas francesas e o método fenomenológico se apresenta oportuno para os existencialistas. O filósofo Jean-Paul Sartre começa a trocar cartas com Heidegger. Este se pergunta sobre o sentido do Ser e aquele funda o reino do Ser (SAFRANSKI, 2000: 406).

Nos anos 50, Heidegger retoma as correspondências com Jaspers e passa a receber visitas frequentes de Arendt. Ele faz viagens e mantém uma notoriedade importante no ambiente acadêmico, além de ouvir uma série de críticas ao seu pensamento, em especial de Theodor Adorno. Ao final da vida, os amigos próximos relatam que ele já estava aguardava a morte. Para Bernhard Welte, apesar de Heidegger ter discutido a morte inclusive em *Ser e Tempo*, definindo-a como “custódia do ser”, a ideia de morte agora aparecia de forma distinta. “ Heidegger preparo de forma meditada e planejada o próprio enterro, quando ninguém pensaria que estava chegando a hora. Esta nova experiência da morte traçou novos limites no terreno. Por isso queria ser enterrado ali [Messkirch] e em nenhum outro lugar” (WELTE, 1984: 76).

### 3.2 A QUESTÃO DO SER

Dois conceitos são essenciais para começar a leitura de Heidegger: Ser e ente. No desvelamento semântico do dicionário temos:

**Ente** (seiedens): ente é um substantivo erudito, derivado do latim, “ens, entis”, particípio presente do verbo “esse (= ser)”. A forma originária era “sens”, conservada ainda em “prae-sens, ab-sens” e talvez também “con-sens”. Em português o verbo ser é defectivo no particípio presente. Daí a derivação da forma erudita, ente, diretamente de sua congênera latina. No uso da linguagem é um substantivo pouco frequente, substituído quase sempre pelo infinitivo substantivado, ser. Assim ninguém quase diz hoje “os entes vivos”, mas “os seres vivos”. Mesmo na filosofia até Heidegger, a distinção entre ente e Ser não era rigorosa. Para esse autor, ente significa tudo aquilo que simplesmente é, indiferente a seu modo próprio de ser.

**Ser** (sein): Ser significa a diferença ontológica, isto é a diferença, como tal, entre ente e seu Ser. (nota de tradução de Emmanuel Carneiro Leão a HEIDEGGER, 1949/1971)

A metodologia da construção de um verbete de dicionário é uma forma interessante de nos desvencilharmos das concepções que já estamos habituados. Em *Introdução à metafísica*, Heidegger propõe uma análise filológica da palavra Ser para fugir rejuvenescer termos rotos, jogados em um baú de incompreensão ou do esquecimento.

A partir da gramática do Ser, sabemos que é um nome que vem de um verbo, ou seja, o entendimento desse conceito passa pela compreensão da conjugação desses dois acontecimentos. No grego, o binômio substantivo e verbo se dá na forma de *onama* e *rhema*. *Onama*, forma grega para nome, significa “a designação linguística, como tal, em oposição à pessoa ou à coisa designada, e o pronunciar da palavra *rhema*” (HEIDEGGER, 1949/1971: 85). *Rhema*, por sua vez é a sentença. “*Rhetor* é o orador que pronuncia os verbos, mas também *onomata*, no sentido restrito do substantivo”(idem). Essa relação enquanto ponto de partida para a compreensão do Ser se expressa na aceção de Platão de que “a manifestação relativa à e dentro da esfera do Ser do ente” (HEIDEGGER, 1949/1971: 86).

A etimologia da palavra Ser aponta para três raízes diversas. A primeira é *es*, em sânscrito *asus*, a vida, o vivente. A segunda é *bhü, bheu*, raiz indo-germânica, surgir, vigorar, estar presente. A terceira raiz é *wes*, a partir da reflexão do verbo germânico *sein*, habitar, permanecer, deter-se. Das três raízes temos três significações: viver, surgir e permanecer (HEIDEGGER, 1949/1971: 98). Elas, hoje desapareceram conservando-se apenas o significado abstrato de Ser.

A partir disso Heidegger desprende duas conclusões. Em primeiro lugar, a substantivação do infinitivo faz desaparecer completamente a significação da palavra, ela passa a designar algo indeterminado (HEIDEGGER, 1949/1971: 100). Em segundo lugar, a fusão dos significados das



três raízes em relação ao que hoje evocamos quando falamos a palavra Ser acontece conjuntamente com o desaparecimento da significação. Essas duas conclusões são o ponto de partida para a compreensão de Ser que aparece em *Ser e Tempo*.

Segundo Heidegger, o Ser é o conceito mais universal e mais obscuro, indefinível, e evidente por si mesmo. Universal posto que “Ser já está sempre incluída em tudo que se apreende no ente” (HEIDEGGER, 1927/2005: 28). Essa universalidade do Ser é justamente a causa da obscuridade do conceito. “A universalidade do Ser transcende toda universalidade genérica” (idem), ou seja, não pode ser delimitada pelas categorias do ente: gênero e espécie. Nessa mesma linha, refuta-se a possibilidade de definir o Ser, já que ele não pode ser dado pelo ente. O conceito do Ser é evidente, porém, a compreensão comum de o céu é azul não significa a compreensão do sentido do Ser.

O ente é “tudo o que falamos, tudo o que entendemos, como que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é o que e como nós mesmos somos” (HEIDEGGER, 1927/2005: 32). O Ser constitui Apesar de constituir a insigne do que ente,

o Ser é o totalmente outro do ente, o totalmente diferente do ente, o não-ente. Essa radical alteridade do Ser, quando comparado com o ente, não pode ser compreendida como um 'atributo' que o diferenciaria do ente, de modo que ele se pudesse encontrar colocado ao lado do ente; o Ser também não é um outro “essencialmente” (segundo o conceito tradicional de essência, portanto) que se põe ao lado do ente, apartado deste; antes, 'Ser é cada vez o Ser de um ente' (SANTOS, 2008: 49)

A obscuridade do Ser é motivo pelo qual abnega-se de discutir qual é o sentido do Ser. Ora ignora-se a questão como insolúvel, ora baseia-se em definições de entes. Para evitar um caminho e outro, Heidegger dissecava justamente a pergunta: Qual o sentido do Ser? Heidegger descreve que um *questionamento* é sempre questionamento de alguma coisa, acerca de algo. Esse algo é o *questionado*. A questão é feita à alguém, o *interrogado*. Além disso, dentro do questionado se encontra o *perguntado*, aquilo em que o questionamento alcança sua meta.

No caso da questão a respeito do Ser, temos que o Ser é o questionado e “enquanto questionado, Ser exige, portanto, um modo próprio de demonstração que se distingue essencialmente da descoberta do ente” (HEIDEGGER, 1927/2005: 32). O perguntado é o sentido do Ser. “Na medida em que o Ser constitui o questionado e Ser diz sempre Ser de um ente, o que resulta como interrogado na questão do Ser é o próprio ente” (idem). Essa pergunta leva a outras:

em qual dos entes deve-se ler o sentido do Ser? A escolha do ponto de partida para o Ser é arbitrária? “Elaborar a questão do Ser significa tornar transparente um ente – o que questiona – em seu Ser” (ibidem). A pre-sença é justamente esse ente que cada um de nós somos e que possível a possibilidade em seu Ser de se questionar.

Tendo claro o conceito de pre-sença como “um ente que, na compreensão de seu Ser, com ele se relaciona e se comporta” (HEIDEGGER, 1927/2005: 90) , esclarecemos também o conceito de ontologia em Heidegger. Tendo em vista que o sentido do Ser é o horizonte de compreensão do Ser, a Ontologia Fundamental é a análise ontológica da existência, como compreensão do Ser (MACDOWELL, 1970: 209). A Metafísica, nessa linha de pensamento, é “o conhecimento do supra-sensível, que se opõe ao conhecimento das determinações empíricas e particulares do ente” (HEIDEGGER, 1929 *apud* MACDOWELL, 1970: 210). Para Macdoweel, nesse sentido Heidegger se aproxima das discussões kantianas em a *Crítica da Razão Pura*. Ambos, problematizariam as condições das possibilidades da Metafísica de ser entidade como “a transcendência ou compreensão prévia do Ser do ente em geral” (idem).

É importante delinear bem o conceito heideggeriano de ontologia. Em *Ser e Tempo*, ele afirma que um dos pontos importantes que diferencia a ontologia tradicional para a ontologia de Heidegger é o conceito existência. Tradicionalmente, usa-se o conceito de existêntia como *ser simplesmente dado*, característica que se contrapõe a noção de que “a existência se reserva a determinação ontológica exclusiva da pre-sença” (HEIDEGGER, 1927/2005: 77). Isso quebra com a noção determinista e cartesiana de que as propriedades simplesmente são dadas. “As características constitutivas da pre-sença são sempre modos possíveis de ser e somente isso” (idem).

Heidegger critica a antiga ontologia por retirar “dos entes, que vêm ao encontro dentro do mundo, a base exemplar de sua interpretação do Ser” (HEIDEGGER, 1927/2005: 80). Na análise analítica da pre-sença, a discussão filosófica sobre o que é o homem se libera do a priori, do que deve se fazer visível. A crença na objetividade garantida pelos métodos positivistas acabam, segundo Heidegger coisificando o sujeito. Heidegger pontua que há um excessivo apego das ciências à experiência empírica sem antes resolver as questões ontológicas para o modo de ser do ente que somos nós. Ele alerta que “ quando o material empírico está sendo apenas coletado os fundamentos já estão presentes”(HEIDEGGER, 1927/2005: 87). Nesse sentido, Heidegger faz uma crítica às ciências que pode muito bem ser feita ao jornalismo. “A comparação sincrética de tudo

com tudo e a redução de tudo a tipos ainda não garante per si um conhecimento autêntico da essência” (idem). Nesse caso, a ontologia heideggeriana poderia, segundo o autor contribuir indiretamente às “disciplinas positivistas existentes (...), caso a questão do Ser constitua o estímulo da busca científica, além e acima de uma simples tomada de conhecimento dos entes” (ibidem).

Ser sempre do ente pertence à existência da pre-sença “como condição que possibilita propriedade e impropriedade” (HEIDEGGER, 1927/2005: 90). Sendo assim, o conceito de Ser-no-mundo é ontologicamente constituído por esse Ser da pre-sença. Temos, então, que “o ponto de partida devido da analítica da pre-sença consiste em se interpretar esta constituição” (idem). Assim, Heidegger propõe um conceito que transcende a categorização do ente. A relação com o mundo não é dada nem pelo ente, nem pelo mundo, não há uma separação rígida como em René Decartes entre a mente (a consciência) e o mundo.

A expressão Ser-no-mundo comporta uma unidade fenomenológica que permite uma tríplice visualização. É importante destacar que isto não é o mesmo que afirmar que o Ser-no-mundo se divide em três partes. Enxergar esse conceito tripartido é o mesmo que associá-lo a um ente não dotado do modo de Ser da pre-sença. Segundo Heidegger (HEIDEGGER, 1927/2005: 92), essa tríplice visualização é:

1. O “em-um-mundo” que dispõe-se a indagar sobre a estrutura ontológica do mundo e determinar a mundanidade. Por mundanidade, Heidegger se refere à estrutura de Ser do mundo no Ser-no-mundo. “Por isso a pergunta pelo mundo não tem por escopo o ente que a pre-sença mesmo não é, mas sim ele mesmo enquanto Ser-no-mundo”(SANTOS, 2008: 65).

2. O ente que sempre é, o quem da pergunta: quem sempre está no modo da cotidianidade mediana da pre-sença?

3. O Ser-em, em deriva de *innan-*, morar, habitar, não apenas estar dentro, mas estar-junto. “Como existencial, o Ser-junto ao mundo nunca indica um simplesmente dar-se em conjunto de coisas que ocorrem” (HEIDEGGER, 1927/2005: 93)

A presença, no entanto, não é apenas ser e estar no mundo, mas também “se relaciona com o mundo segundo um modo de ser predominante”(HEIDEGGER, 1927/2005: 164). Temos então, uma outra pergunta: quem é a pre-sença na cotidianidade? “Todas as realizações em modos de ser trazem inscritas em suas constituições a dinâmica difusiva do Ser”<sup>19</sup>, no mundo da pre-sença,

---

19 Nota explicativa escrita pela tradutora Márcia Schuback na edição de HEIDEGGER, 1927/2005: 318

existem portanto entes que “não apenas se distinguem dos instrumentos e das coisas, mas que , de acordo com seu modo de ser de pre-sença, são e estão no mundo em que vêm ao encontro segundo o modo de Ser-no-mundo (...) são também co-pre-senças”(HEIDEGGER, 1927/2005: 169). A resposta ao quem da convivência cotidiana é justamente o Ser-com

### 3.3 CONCEITOS ONTOLÓGICOS

Separamos quatro pares conceituais que aparecem na obra de Heidegger e proporcionam um entendimento mais amplo do processo ontológico do estudo do Jornalismo Literário. A junção dos pares foi ora de forma a buscar conceitos que se complementassem, ora a busca de conceitos antagônicos.

#### 3.3.1 Existência e existencial

Segundo o verbete de Existência, no *Dicionário de Heidegger*, Heidegger a história do conceito de existência no segundo volume de *Nietzsche*. Aristóteles fala sobre ser fora da mente. Mais tarde, os gregos contrastam existência com *ousia* [essência]. Os filósofos medievais revisitam Aristóteles e constroem a ideia de existência como efeito. Decartes usa o conceito de existência primária, a existência do sujeito que existe porque é representado nele mesmo. Em Leibniz temos que na forma de percepção e aferição, a existência como a atualidade de cada substância. Scheeling revive o significado de *existenz-*, o que se manifesta adiante de si mesmo. Esse termo é usado por Kierkegaard que limita o uso do termo para o ser humano, o único ser que estaria em contradição entre o temporal e a eternidade.

Heidegger, por sua vez, propõe uma diferenciação entre existência e existencial. O primeiro termo se refere às “relações recíprocas entre pre-sença e ser, entre pre-sença e todas as entificações, através de uma entificação privilegiada, o homem”<sup>20</sup>, o termo existencial é um conceito mais amplo referindo-se às “estruturas que compõe o ser do homem a partir da existência e seus desdobramentos”<sup>21</sup>.

A questão da existência para Heidegger só é esclarecida pelo próprio existir. “Para

---

20 Nota explicativa escrita pela tradutora Márcia Schuback na edição de HEIDEGGER, 1927/2005: 310

21 Nota explicativa escrita pela tradutora Márcia Schuback na edição de HEIDEGGER, 1927/2005: 311

Heidegger a existência não é um feito. Logo, não é também um perfazer de um processo natural ou histórico. Mas é sempre um por-fazer, uma tarefa” (SILVA, 2010: 42). Sendo assim, temos que a existência é uma questão ôntica da pre-sença que se desdobra em estruturas cujo conjunto chamamos de existencialidade. Uma analítica existencial é portanto, como afirmamos acima, um analítica ôntica estrutural.

A ideia de existencialidade aparece como “perspectiva diretora para a interpretação ontológica do homem” (MACDOWELL, 1970: 218). O conceito de existência distingue-se portanto do de pre-sença. Essa separação é dos marcos da filosofia moderna, pois propõe rever não só o conceito de existência, como também o próprio conceito de homem.

Nesse sentido, Heidegger também se preocupa em delinear a diferença entre existência e essência. Esta última era nomeada na Idade Média de *quiditas* (qüididade) “palavra derivada de *quid*, o quê, porque é isto, pelo qual respondemos à questão o que é o ente, afirma Heidegger. Portanto, a *qüididade* responde à pergunta 'o que é (um ente)?” (idem). A essência, portanto “(...) denomina aquilo como o que algo assim como uma árvore existente pode ser, caso ela exista; aquilo que a possibilita enquanto tal: a possibilidade” (HEIDEGGER, 2007 *apud* SILVA, 2010: 53). Enquanto isso, temos que a palavra existência deve ser entendida como estar para fora, na abertura do ser e, não de forma contraditória, “a Existência é a constituição ontológica deste ente que nós somos, pois em sua essência ele é *ekstático*” (SILVA, 2010: 54).

O conceito de existência de Heidegger abre espaço para o de *decadência* (*Verfallen*). Não se trata aqui de um julgamento moral, pois a *decadência* é um existencial do pre-sença. “A partir deste existencial se pode ver como o existente é absorvido tão profundamente por suas atividades, negócios e ocupações, e assim perde-se a si mesmo, ao esquecer-se de suas possibilidades mais próprias” (SILVA, 2010: 88).

Na medida em que a pre-sença é um ente que eu sou, e imediatamente é determinado como ser-com-os-outros, geralmente e em média não sou eu mesmo minha pre-sença, mas sim os outros; estou com os outros e os outros igualmente com os outros. Ninguém na cotidianidade é ele mesmo. O que e como ele é, isto não é ninguém: ninguém e, contudo, todos um com o outro. Todos que não são eles mesmos. Este ninguém, do qual na cotidianidade [*Alltaglichkeit*] todos nós vivemos é o “se” [*Man*]. Diz-se, ouve-se, é se a favor, cuida-se de algo. Na tenacidade do império deste se [*Man*] residem as possibilidades de minha pre-sença. (HEIDEGGER, 1997 *apud* SILVA, 2010:89).

Decair é, portanto, quando a pre-sença renuncia sua potencialidade em ser. “Nós tendemos

a “decair” na dimensão das coisas que utilizamos para realizar nossas tarefas diárias, e assim permanecemos alheios às possibilidades abertas em nossa existência” (SILVA, 2010: 89).

O conceito de decadência em Heidegger permite inferirmos que o que até então chamamos de pre-sença cotidiana ou pre-sença no modo da cotidianidade é na verdade uma forma de se entender o presente no jornalismo. O cotidiano, no entanto, em Heidegger não é apenas uma possibilidade de vivência em que tudo o que lhe escapa é o extraordinário. Como vimos anteriormente, a existência para Heidegger é sobretudo as possibilidades do ser. Sendo assim, podemos delimitar uma contribuição importante do Jornalismo Literário enquanto campo de saberes. Ele ao se posicionar na busca do cotidiano, evita justamente a decadência do ser, pois estabelece-se o ser-com-o-mundo e não apenas a repetição do ser-no-mundo.

### 3.3.2 Tempo e temporalidade

No livro *Os problemas básicos da fenomenologia*, Heidegger afirma que a compreensão do conceito de Ser passa pela discussão ontológicas em torno de três pontos quanto ao fenômeno do tempo:

- Tempo e temporalidade- entenda-se aqui a distinção entre o conceito usual de tempo e o conceito original, temporalidade
- temporalidade [Zeitlichkeit] e Temporalidade [Temporalität]- apesar de ambas as palavras serem sinônimas em alemão, a diferença é semelhante da existente entre existência e existencial. A Temporalidade é a compreensão estrutural de que a temporalidade é o sentido da pre-sença
- Temporalidade e Ser

Para Heidegger, o primeiro desafio para entender o fenômeno do tempo é se desvencilhar do conceito tradicional de tempo. Por tradicional ele entende as concepções que nascem em Santo Agostinho e sua resposta sobre o que era o tempo. Para ele era simples: se não tivesse passado, então não haveria tempo passado; se não houvesse nada por vir, não haveria tempo futuro, se não houvesse nada para existir, então não haveria tempo presente (AGOSTINHO *apud* HEIDEGGER, 1985: 229).

Além disso, inclui-se nesse caso também as perguntas aristotélicas sobre o que é o tempo, onde está o tempo e como está o tempo. Aristóteles discute o conceito de *aporiai*, ser sem

passagem, e através dele constrói uma noção de tempo que pertence ao não-ser, à não-existência. O Tempo aparece, então, como uma *sequência de agoras* (HEIDEGGER, 1985:236). A interpretação aristotélica corresponde a uma compreensão pré-científica de tempo, “a definição de tempo de Aristóteles é apenas a primeira aproximação para interpretar o tempo” (HEIDEGGER, 1985: 257). Esse tempo comum aponta para a compreensão do o tempo original, a temporalidade.

“De há muito que o 'tempo' funciona como critério ontológico, ou melhor, ôntico para uma distinção ingênua das diversas regiões dos entes. Assim distingue-se um ente 'temporal' de um ente 'não temporal’” (HEIDEGGER 1927/2005: 45). No entanto, esclarece Heidegger, “não existe nenhum tempo natural absoluto, mas existe o tempo-do-mundo ” (HEIDEGGER, 1985: 262). O tempo-do-mundo pertence à pre-sença e a temporalidade (Zeitlichkeit) é o sentido da pre-sença.

## CONCLUSÃO

Gadamer relata que os alunos de Heidegger tinham dificuldade de entender o termo “anúncios formais” que ele usava com frequência (SAFRANSKI, 2000: 497). Heidegger a explicava dizendo que “ela significava 'saborear e completar'. Um anúncio [Anzeige] se mantém na distância do mostrar [Zeigen], e pede que o outro, a quem algo é mostrado, olhe ele mesmo” (idem). Heidegger convidava seus alunos ao exercício fenomenológico de ver o que é anunciado e completar com a própria contemplação.

Esse é o mesmo desafio que nos apresenta o Jornalismo Literário. Ao não desvelar os fatos enquanto notícias 'óbvias' por serem imediatos, atuais, o Jornalismo Literário apresenta uma outra forma de conhecer o mundo. Um mundo que não é *simplesmente dado*, pois o ser é no-mundo. Isso implica no fato que as questões sobre o mundo também não são construídas em uma estrutura dual em que temos de um lado o sujeito e do outro o mundo.

A busca ontológica do sentido do ser não é um método de apreensão do mundo, como vimos neste trabalho, trata-se de um questionamento que alimenta o espírito. Podemos, no entanto, estabelecer como método de apreensão a forma como direcionar às angústias frente ao mundo. “A angústia revela o nada. Nós flutuamos na angústia. Mais explícito: a angústia nos faz flutuar porque ela faz com que o ente no todo escape” (HEIDEGGER, 1978 *apud* SAFRANSKI, 2000: 221). Heidegger vê na objetivação científica a fuga da temporalidade inquietante da pre-sença que acaba seguindo a tendência à decadência da pre-sença. À filosofia cabe o desafio de “provocar terror no ser humano e força-lo a recuar para aquele desamparo do qual ele sempre volta a fugir para a cultura” (HEIDEGGER, 1990 *apud* SAFRANSKI, 2000: 231). Em paralelo, temos que o jornalismo busca o “extraordinário” para fugir da inquietude do cotidiano, o Jornalismo Literário se propõe a provocar e a despertar um novo olhar sobre o que nos parece já compreendido.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BONINI, Adair. **Os gêneros do jornal**: o que aponta a literatura na área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão: v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/13%20art%2011%20P.pdf> . Acessado em: 8 de dezembro de 2010.

BRETON, Philippe. **La naissance des sciences de la communication**: à la recherche d'un programme de séparation. In: *Quaderni*. N. 23, Printemps 1994. Science(s) de la communication. pp. 67-75. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/quad\\_0987-1381\\_1994\\_num\\_23\\_1\\_1273](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/quad_0987-1381_1994_num_23_1_1273) . Acessado em: 08 de dezembro de 2010.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário**: uma introdução. Brasília: Casa das Musas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Literário**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem**: o gênero. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Aurélio. **Miniaurélio eletrônico**. Rio de Janeiro: Positivo, 2004

GADAMER, Hans-georg. Os caminhos de Heidegger. Herder, Barcelona, 2002, pp. 67-72.. Disponível em: <[http://www.heideggeriana.com.ar/gadamer/heidegger\\_pensador.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/gadamer/heidegger_pensador.htm)>. Acesso em: 5 mar. 2011.

GAOS, Jose. **Introduccion a el ser y el tiempo de Martín Heidegger**. Mexico: Fondo de cultura económica, 1951.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo**: cómo se forma el presente. Barcelona: Paidós, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Brasília: UnB, 1971

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. São Paulo: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **The basic problems of phenomenology**. Bloomington: Indiana University Press, 1985.

HOHLFELDT, Antônio. **Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação**. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petropolis: Editora Vozes, 2001.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: manual de comunicação**. São Paulo: Ed Univ Sao Paulo, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. **De Totalidad e infinito. Ensayo sobre la exterioridad**. Sígueme, Salamaca, 2002, pp. 70-71 . Disponível em:

<[http://www.heideggeriana.com.ar/levinas/sobre\\_heidegger.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/levinas/sobre_heidegger.htm)>. Acesso em: 25 set. 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Ed Unicamp, 1993.

MACDOWELL, João Augusto. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1970.

MARCUSE, Hebert. **Dos cartas a Martin Heidegger**. 1947. Disponível em: <[http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/herbert\\_marcuse.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/herbert_marcuse.htm)>. Acesso em: 13 abr. 2011.

PANIAGO, Paulo Roberto. **Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário como gênero e conceito**. In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: 2006. Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf> . Acessado em: 25 outubro de 2010.

SAFRANKSI, Rüdiger. **Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SANTO, Marcel Albiero da Silva. **A crítica heideggeriana de Ser e Tempo ao conceito de Ser da tradição filosófica**. 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/16158/DISSERTA%20C3%87%C3%83O%20DE%20MESTRADO%20-%20MARCEL%20ALBIERO%20DA%20SILVA%20SANTOS.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

SILVA, Eliana Borges Da. **O Conceito de existência em Ser e Tempo**. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 2008. Disponível em: <[http://bdtd.ufg.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1851](http://bdtd.ufg.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1851)>. Acesso em: 12 abr. 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: volume I: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: volume II: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.

## Anexo A

Lista de livros publicados por Martin Heidegger segundo a Gesamtausgabe (Obras Reunidas) série ed. V. Kostermann, Frankfurt<sup>22</sup>.

### 1. Frühe Schriften (1912-1916) / Primeiros escritos

- Das Realitätsproblem in der modernen Philosophie (1912) / O problema da realidade na filosofia moderna
- Die Lehre vom Urteil im Psychologismus (1914) / A doutrina do juízo no psicologismo
- Die Kategorien- und Bedeutungslehre des Duns Scotus (1916) / A Doutrina das Categorias e do Significado segundo Duns Scoto
- Die Zeitbegriff in der Geschichtswissenschaft (1916) / O conceito de tempo na ciência histórica

### 2. Sein und Zeit (1927) / Ser e Tempo

### 3. Kant und das Problem der Metaphysik (1929) / Kant e o problema da metafísica

### 4. Erläuterungen zu Hölderlin Dichtung (1936-1968) / Interpretações sobre a poesia de Hölderlin

- "Heimkunft / An die Verwandten" (1944) / "Retorno a patria/ aos parentes"
- Hölderlin und das Wesen der Dichtung (1936) / Hölderlin e a essência da poesia
- "Wie wenn am Feiertage..." (1941) / "Como em dia de festa..."
- "Andenken" (1943) / "Recordações" [Conferência] [Cf. GA 52]
- Hölderlins Himmel und Erde (1959) / O céu e a terra de Hölderlin
- Das Gedicht (1968) / O poema

### 5. Holzwege (1935-1946) / Caminhos do bosque

- Der Ursprung des Kunstwerkes (1935-1936) / A origem da obra de arte
- Die Zeit des Weltbildes (1938) / A época da imagem no mundo
- Hegels Begriff der Erfahrung (1942-1943) / O conceito da experiência de Hegel
- Nietzsches Wort: "Gott ist tot" (1943) / A frase de Nietzsche: "Deus está morto"
- "Wozu Dichter?" (1946) / "Para que servem os poetas?"

---

<sup>22</sup> Esta série reúne também aulas, seminários e correspondências de Heidegger. Optamos, no entanto incluir no anexo apenas os livros, as conferências e os ensaios publicados por serem suficientes para exemplificar a extensão da obra do autor. A intenção deste anexo é complementar o resumo bibliográfico no início do capítulo 3.

- Der Spruch des Anaximander (1946) / A sentença de Anaximandro

## 6. Nietzsche

### 6.1 Nietzsche I (1936-1939)

- Der Wille zur Macht als Kunst (1936-37) / A vontade de poder como arte [Cf. GA 43]
- Die ewige Wiederkehr des Gleichen (1937) / O eterno retorno do mesmo [Cf. GA 44]
- Der Wille zur Macht als Erkenntnis (1939) / A vontade do poder como conhecimento [Cf. GA 47]

### 6.2. Nietzsche II (1939-1946)

- Die ewige Wiederkehr des Gleichen und der Wille zur Macht (1939) / O eterno retorno e a vontade do poder
- Der europäische Nihilismus (1940) / O nihilismo europeu [Cf. GA 48]
- Nietzsches Metaphysik (1940) / A metafísica de Nietzsche [Cf. GA 50]
- Die seinsgeschichtliche Bestimmung des Nihilismus (1944-1946) / A determinação do nihilismo segundo a história do ser
- Entwürfe zur Geschichte des Seins als Metaphysik (1941) / Esboços da história do ser como metafísica
- Die Erinnerung an die Metaphysik (1941) / A recordação e a metafísica

## 7. Vorträge und Aufsätze (1936-1953) / Conferencias e ensaios

- Die Frage nach dem Technik (1953) / A pergunta pela técnica
- Wissenschaft und Besinnung (1954) / Ciência e Meditação
- Überwindung der Metaphysik (1936-1946) / Superação da metafísica
- Wer ist Nietzsches Zarathustra? (1953) / Quem é o Zarathustra de Nietzsche?
- Was heisst Denken? (1952) / O que quer dizer pensar? [Conferência]
- Bauen Wohnen Denken (1951) / Construir, habitar, pensar
- Das Ding (1951) / A coisa
- "...dichterisch wohnet der Mensch..." (1951) / "...poeticamente habita o homem..."
- Logos (Heraklit, Fragment 50) (1951) / Logos (Heráclito, Fragmento 50)
- Moira (Parmenides, Fragment 8, 34-41) (1951-1952) / Moira (Parménides, Fragmento 8. 34-41)
- Alétheia (Heraklit, Fragment 16) (1954) / Aleétheia (Heráclito, Fragmento 16)

8. Was heisst Denken? (1951-1952) / O que significa pensar? (Curso)

9. Wegmarken (1919-1961) / As etapas no caminho

- Anmerkungen zu Karl Jaspers "Psychologie der Weltanschauungen" (1919-1921) / Anotações sobre a "A Psicologia das concepções no mundo" de Karl Jaspers
- Phänomenologie und Theologie (1927) / Fenomenologia e Teologia
- Aus den letzten Marburger Vorlesung (1928) / Sobre o último curso de Marburgo
- Was ist Metaphysik? (1929) / ¿O que é a metafísica?
- Vom Wesen des Grundes (1929) / A essência do fundamento
- Vom Wesen der Wahrheit (1930) / Sobre a essência da verdade
- Platons Lehre von der Wahrheit (1931-1932) / A doutrina de Platão sobre a verdade
- Vom Wesen und Begriff der PHYSIS. Aristoteles, Physik B, 1 (1939) / Sobre a essência e o conceito de PHYSIS. Aristóteles, Física B, 1
- Nachwort zu "Was ist Metaphysik" (1943) / Epílogo a "O que é a metafísica?"
- Brief über den "Humanismus" (1946) / Carta sobre o "Humanismo"
- Einleitung zu "Was ist Metaphysik?". Der Rückgang in den Grund der metaphysik (1949) / Introdução a "O que é metafísica?". O regresso do fundamento da metafísica
- Zur Seinsfrage (1955) / Sobre a pergunta do ser.
- Hegel und die Griechen (1958) / Hegel e os gregos
- Kants These über das sein (1961) / A tese de Kant sobre o ser

10. Der Satz vom Grund (1955-1956) / A proposta do Fundamento

11. Identität und Differenz (1955-1957) / Identidade e diferença

- Was ist das - die Philosophie? (1955) / O que é a filosofia?
- Der Satz der Identität (1957) / O princípio da identidade
- Die onto-theo-logische Verfassung der Metaphysik (1957) / A construção onto-teo-lógica da metafísica

12. Unterwegs zur Sprache (1950-1959) / O caminho que fala

- Die Sprache (1950) / A fala
- Die Sprache im Gedicht. Eine Erörterung von Georg Trakls Gedicht (1953) / A fala no poema. Uma elucidação da poesia de Georg Trakl
- Aus einem Gespräch von der Sprache. Zwischen einem Japaner und einem Fragenden

(1953-1954) / Um diálogo sobre a fala. Entre um japonês e um inquisidor.

- Das Wesen der Sprache (1957) / A essência da fala
- Das Wort (1958) / A palavra
- Der Weg zur Sprache (1959) / O caminho até a fala

### 13. Aus der Erfahrung des Denkens (1910-1976) / Sobre a experiência do pensar

- Abraham a Sankta Clara (1910)
- Frühe Gedichte (1910-1916) / Primeiros poemas
- Schöpferische Landschaft: Warum bleiben wir in der Provinz? (1933) / Paisagem criadora: por que permanecemos na província
- Wege zur Aussprache (1937) / Caminhos para as discussões
- Winke (1941) / Códigos
- Chorlied aus der Antigone des Sophokles (1943) / Canción del coro de la Antígona de Sófocles
- Zur Erörterung der Gelassenheit. Aus einem Feldweggespräch über das Denken (1944-1945) / Sobre o lugar da serenidade. Sobre uma conversaço do caminho do campo no pensar
- Aus der Erfahrung des Denkens (1947) / Sobre a experiência do pensar
- Der Feldweg (1949) / O semeador do campo
- Holzwege ("Dem künftigen Menschen...") (1949) / Caminhos do bosque. "o homem que vem..."
- Zu einem Vers von Mörike. Ein Briefwechsel mit Martin Heidegger von Emil Steiger (1951) / Sobre um verso de Mörike. Um intercâmbio da cartas de Martín Heidegger por Emil Steiger
- Was heisst Lesen? (1954) / O que significa ler?
- Vom Geheimnis des Glockenturmes (1954) / Sobre o segredo da torre dos sinos
- Für das Langenharder Hebelbuch (1954) / Para o livro de Hebel de Langenhard
- Über die Sixtina (1955) / Sobre a Sixtina
- Die Sprache Johann Peter Hebels (1955) / A linguagem Johann Peter Hebel
- Begegnungen mit Ortega y Gasset (1955) / Encontros com Ortega y Gasset
- Was ist die Zeit? (1956) / O que é o tempo?
- Hebel - Der Hausfreund (1957) / Hebel – O amigo da casa

- Aufzeichnungen aus der Werkstatt (1959) / Apuntes desde el taller
- Sprache und Heimat (1960) / Linguagem e terra natal
- Über Igor Stravinsky (1962) / Sobre Igor Stravinsky
- Für René Char (1963) / Para René Char
- Adalbert Stifters "Eisgeschichte" (1964) / A "História de gelo" de Adalbert Stifter
- Wink in das Gewesen (1966) / Código sobre o que foi
- Die Kunst und der Raum (1969) / A arte e o espaço
- Zeichen (1969) / Signos
- Das Wohnen des Menschen (1970) / O habitar do homem
- Gedachtes (1970) / Reflexões
- Rimbaud vivant (1972)
- Sprache (1972) / Linguagem
- Der Fehl heiliger Namen (1974) / A falta de nomes sagrados
- Fridolin Wiplingers letzter Besuch (1974) / A última visita de Fridolin Wiplinger
- Erhart Kästner zum Gedächtnis (1975) / A recordações de Erhart Kästner
- Grusswort für Bernhard Welte (1976) / Um palavra para Bernhard Welte

14. Zur Sache des Denkens (1962-1964) / Sobre o assunto do pensar

- Zeit und Sein (1962) / Ser e Tempo
- Protokoll zu einem Seminar über den Vortrag "Zeit und Sein" (1962) / Protocolo de un seminário sobre a conferência "Ser e Tempo"
- Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens (1964) / O fim da filosofia e a tarefa de pensar
- Mein Weg in die Phänomenologie (1963) / Meu caminho na fenomenologia

15. Seminare Freiburg (Heraklit); Le Thor-Zähringen (1966-1973)

16. Reden, Ansprachen, Gedenkworten, Grussworte, Aufrufe. (1925-1976)



## Anexo B

Esboços de Heidegger para uma história do ser como metafísica. (In: HEIDEGGER, 1939, Nietzsche II, p. 470-471)

- Alētheia (apeiron, logos, hen - arche).
- Que se revela como a ordem do começo.
- Physis, aparición (que remonta a si mesma).
- Ideia, percepção (agathon), causalidade.
- Energia, trabalho, junção, en-echeia to telos.
- Hypokeimenon, estar presente (de ousia, ergon).
- (presença - estabilidade - constância - aei).
- Hyparchein, presenciar o que permanece do que já está presente
- Subiectum.
- Actualitas: seres – o real - realidade
- Creator - ens creatum  
causa prima (ens a se).
- Certeza - res cogitans.
- Vis - monas (perceptio - appetitus), exigentia essentiae - appetitus), exigentia essentiae.
- Objetividade
- Libertade  
vontade - representação  
razão prática

- Vontade- como conhecimento absoluto: Hegel.
- Como vontade de amor: Schelling.
- Vontade de poder - Eterna reparação: Nietzsche.
- Ação e organização - pragmatismo.
- A vontade da vontade.
- Maquinação (Enfaming).

### **Comentário de Richard Rorty**

RORTY, Richard. **En Ensayos sobre Heidegger y otros pensadores contemporáneos.** Escritos filosóficos 2, traducción de Jorge Vigil Rubio, Paidós, Barcelona, 1993, pp. 49-77.

O resumo da história da filosofia ocidental vai desde a convicção grega de que o objeto de investigação é a apreensão de princípios, coisas maiores e mais poderosas que a existência humana cotidiana, à convicção norte-americana de que o objeto é o desenho tecnológico, o controle das coisas. Heidegger considera esta lista cronológica de abreviaturas das compreensões do ser por parte dos filósofos como uma escada mecânica descendente. Assim que o homem entra nela, não pode sair até alcançar a base. Se começamos por Platão, acabaremos em Nietzsche ou por Dewey.

Como dizia Heidegger, “toda metafísica, inclusive seu oponente, o positivismo, fala da linguagem de Platão”. Ou seja, desde Platão estabelecendo esta pergunta: como seremos e como há de ser o universo para conseguir a certeza, a clareza e a evidência que Platão disse que deveríamos ter? Cada etapa da história da metafísica – e em particular o giro cartesiano até a subjetividade, do exterior aos objetos interiores da indagação – foi uma tentativa de redescobrir as coisas a fim de que esta certeza possa resultar possível. No entanto, tantos começos e ímpetos resultaram em uma única coisa da qual podemos estar seguros é de que queremos. A única coisa realmente evidente para nós são nossos próprios desejos.